

COLÉGIO PEDRO II
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA**
**ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DAS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO BÁSICO
– EREREBÁ**

LUCAS HENRIQUE FERREIRA

**VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS
NO ENSINO DE CAPOEIRA, NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Rio de Janeiro
2022

LUCAS HENRIQUE FERREIRA

**VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS ATRAVÉS DO ENSINO DA
CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Produto Acadêmico apresentado ao Programa de Pós Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico - EREBÁ, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico.

Rio de Janeiro

2022

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

F383 Ferreira, Lucas Henrique

Valores civilizatórios afro-brasileiros através do ensino da capoeira na educação física escolar/ Lucas Henrique Ferreira. – Rio de Janeiro, 2022. 62 f.

Produto Acadêmico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso do Programa de Pós Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Osmar Soares da Silva Filho.

1. Relações étnico-raciais – Estudo e ensino. 2. Capoeira. 3. Valores civilizatórios afro-brasileiros. I. Silva Filho Osmar Soares da. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Lucas Henrique Ferreira

**VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS
NO ENSINO DE CAPOEIRA, NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Produto Acadêmico Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico - EREEREBÁ, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico.

Orientador: Litt.D. Osmar Soares da Silva Filho

Aprovado em: 28/09/2022.

Litt.D. Osmar Soares da Silva Filho
Colégio Pedro II

Prof. Me. Vitor Abdias Cabót Germano
Colégio Pedro II

Prof. Me. Ana Carolina Lacorte Lima
Universidade Federal Fluminense

*Dedico este trabalho à minha mãe e meu irmão
que fizeram de tudo para que eu estudasse e tivesse
mais oportunidades do que eles mesmo tiveram
enquanto viviam neste plano.*

AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo a minha ancestralidade por ter me permitido chegar até aqui, minha mãe a famosa “Fatinha” (*in memorian*) e meu irmão “Branco” (*in memorian*) por sempre terem acreditado no meu potencial e nas oportunidades que a educação poderia promover na minha vida.

Agradeço a minha companheira de vida, do dia a dia, a ela que me inscreveu nesta pós-graduação e sempre me encoraja a seguir em frente mesmo quando nem eu acredito no resultado das minhas ações, eu te amo muito Camila, obrigado.

À minha família que celebra cada vitória e está sempre torcendo por mim, Carla, Rose, Wilian, Jeane, Pedro e Tia Manuela, vocês são muito mais que especiais.

Aos meus alunos e alunas da capoeira, a família “Buda Senzala e Alunos” minha gratidão pela paciência, por me encorajarem e tornarem este trabalho e a minha capoeira cada vez mais significativa e viva em mim e em vocês.

Aos meus mestres e mestras, meus amigos da capoeiragem por me mostrarem o caminho e me fazerem amar e acreditar na Capoeira como ferramenta de transformação e tecnologia social, muito obrigado a todos e todas que durante esses 18 anos de prática têm me tocado com suas palavras, movimentos, músicas e gestos de carinho e incentivo.

Aos “Crias da Maré” meus alunos que foram, que são e que serão, este trabalho é sobre vocês, por vocês e para vocês, como eu sempre falo: O maior prejuízo que podemos dar no sistema é o diploma na mão, eu estou aqui fazendo a minha parte, dando exemplo e abrindo caminho para vocês virem amassando logo mais. Eu acredito no potencial de vocês.

Meu muito obrigado também a todo corpo docente do EREREBÁ e em especial ao meu orientador, professor Osmar Igbode, que durante a pandemia foram incansáveis na missão de expandir conhecimento enquanto acolhiam medos, incertezas e lideravam um quilombo cheio de afeto.

A todos e todas meu muito obrigado e que este trabalho seja inspiração para toda a comunidade da capoeira e da educação física para que estes nunca esqueçam qual a luta que temos escolhido lutar. Gratidão!

*Sou um cidadão considerado, quero ser
qualificado pelo “tum” do meu tambor.*

(Mestre Toni Vargas)

RESUMO

FERREIRA, Lucas Henrique. **Valores civilizatórios afro-brasileiros no ensino de Capoeira, na Educação Física Escolar.** 2022. Produto Acadêmico - Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Residência Docente, Rio de Janeiro, 2022.

Este produto acadêmico é uma pesquisa onde o objetivo geral é compreender como a prática da Capoeira na Educação Física Escolar pode ser uma das muitas formas de se trazer para o chão da escola os valores civilizatórios afro-brasileiros. As reflexões e diálogos entre toda literatura utilizada ao longo da pesquisa como referencial teórico deram origem a uma sequência didática de 8 aulas que, quando aplicada em uma escola de anos finais do ensino fundamental no Conjunto de Favelas da Maré, culminou com uma mudança de perspectiva dos alunos sobre o continente africano e sua diversidade cultural característica. Através do presente trabalho podemos perceber como são importantes as ações que utilizam os conteúdos sobre história da África como base de um currículo antirracista em prol de uma sociedade mais democrática, além de ser também uma ferramenta de pesquisa, estudo e prática de professores e professoras de Educação Física Escolar.

Palavras-chave: Capoeira. Educação Antirracista. Valores Civilizatórios Afro-brasileiros. Educação Física Escolar. Capoeira na Escola

SUMÁRIO

1. ABRINDO A RODA	09
2. COMO A CAPOEIRA PODE CONTRIBUIR PARA O DEBATE DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	15
2.1 OBJETIVOS GERAIS	16
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
3. DONA ISABEL, QUE HISTÓRIA É ESSA?	18
4. VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS NA CAPOEIRA	20
5. GINGANDO E ESQUIVANDO	32
6. SEQUÊNCIA DIDÁTICA: A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS PELA DA CAPOEIRA	34
7. A MARÉ TÁ CHEIA IOIÔ, A MARÉ TÁ CHEIA IAIÁ	49
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS – IÊ VAMOS EMBORA	57
9. REFERÊNCIAS	59

1 ABRINDO A RODA

Nos últimos anos o debate das relações étnico-raciais tem aparecido com mais força no campo da educação. O entendimento do papel social da escola como determina o artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) coloca temas sociais presentes no cotidiano como essenciais para uma formação integral do ser humano.

O racismo é um problema estrutural da sociedade brasileira e depende de mecanismos institucionais para não só sobreviver, mas também para se reinventar e continuar atuando para a manutenção de privilégios de uma classe dominante no Brasil. Segundo Almeida (2020):

O conceito de racismo institucional foi um enorme avanço ao que se refere ao estudo das relações raciais. Primeiro ao demonstrar que o racismo transcende o âmbito da ação individual, e, segundo, ao frisar a dimensão do poder como elemento constitutivo das relações raciais, não somente o poder de um indivíduo de uma raça sobre o outro, mas de um grupo sobre o outro, algo possível quando há o controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional. (pp. 46-47)¹

Sendo o racismo um problema social que encontra em políticas públicas e nas instituições do estado força para se manter atuando nas relações sociais, é também dever do estado promover políticas públicas para superar o racismo e propor mudanças na estrutura que limita potencialidades de desenvolvimento econômico, cognitivo, social e cultural das pessoas negras brasileiras ao longo da história. Entendamos, assim, que o racismo atinge principalmente pessoas negras, mas limita também a expansão de consciência de pessoas brancas ao não entenderem os privilégios que a estrutura social brasileira lhes conferiu.

Desde a invasão dos colonizadores portugueses, o Brasil vive tensões étnico-raciais, embora a população negra e africana escravizada nessas terras tenha desempenhado um papel fundamental para o desenvolvimento econômico do novo país que estava sendo fundado. Através do uso de muita violência, colonizadores embarcaram milhões de pessoas no continente africano para serem escravizadas no Brasil, os colonizadores jamais teriam desfrutado dos privilégios da sua cor se não fosse a escravização de povos africanos. Abdias Nascimento (2016)² comenta que as pessoas escravizadas foram decisivas para o início da economia brasileira, Abdias ainda afirma que, sem o

¹ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo. editora Jandaíra. 2020. p 46-47

²NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3ª ed. São Paulo: Perspectivas. 2016. p. 59

escravizado, a estrutura econômica do Brasil jamais teria existido. Mulheres e homens foram alvos de violência à sua cultura, memória, corpo, religião e identidade, o Brasil deve muito às populações afrodescendentes pois os privilégios de pessoas brancas deriva da violência praticada contra a população negra que fundou esse país. africano escravizado, como afirma Abdias Nascimento (2016 p.59), que “plantou, alimentou e colheu a riqueza material do país para o desfrute exclusivo da aristocracia branca.”

O racismo é um problema criado por pessoas brancas, que desfrutam até hoje dos privilégios dessa estrutura social. Sendo as pessoas brancas as criadoras do racismo, também é dever dessas mesmas pessoas superarem seus preconceitos e reconhecerem seus privilégios para se colocarem em um lugar de escuta atenta e ouvir o que os movimentos sociais da comunidade negra brasileira têm a dizer sobre sua própria história. Por muito tempo pessoas brancas usam toda estrutura do estado e da educação brasileira para contar uma versão sobre o processo de escravização de povos africanos no Brasil, dominar a narrativa é uma forma de exercer poder, Adichie (2019) ao falar sobre o perigo de uma história única apresenta que:

É impossível falar sobre história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer, “ser maior do que o outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio do *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. (pp. 22-23)³

Estudar a história e cultura afro-brasileiras nas escolas é permitir que uma democracia racial seja de fato construída mesmo que a longo prazo no Brasil, promover o acesso e democratização da cultura afro-brasileira no currículo escolar é reparar uma narrativa de história única sobre o povo negro brasileiro contada nas escolas do país, proposta por currículos eurocentrados e colonializados. Promover o acesso a outras narrativas que não as contadas pelos colonizadores é reparar o erro histórico de aceitar apenas um lado da história contada por quem tem interesse na manutenção do poder. Chimamanda segue comentando que a história única cria estereótipos e os estereótipos são parte e não o todo de uma história por isso, mesmo após demasiada demora, a promulgação da lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino sobre história

³ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**; trad. Julia Romeu; 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2019. p.22-23

e cultura afro-brasileira na educação básica, representou um grande avanço para a educação das relações étnico-raciais.

Essa política pública incentiva que secretarias, gestores e gestoras, docentes proponham e incentivem um currículo afrorreferenciado e valorizem práticas e culturas antes negligenciadas no ambiente da escola e da educação como as manifestações culturais afro-brasileiras a exemplo da capoeira, samba de roda, jongo e outras manifestações da cultura popular de origem preta. A escola como parte da sociedade e como corresponsável pela formação integral do ser e pelo estímulo ao desenvolvimento de potencialidades precisa se apropriar do debate das relações étnico-raciais, a fim de que através dela novas gerações encontrem uma sociedade menos racista e mais inclusiva. Sobre esse papel formativo da escola em interação com os movimentos sociais a autora Gomes, Nilma Lino (2010)⁴ afirma:

A luta dos movimentos sociais e, mais particularmente, do Movimento Negro, explicita a tensão étnico-racial vivida no Brasil: a existência de um discurso sobre a harmonia racial e cultural entre os diferentes grupos étnico-raciais e a prática cotidiana do racismo ambíguo e da desigualdade racial e social atestada pela realidade do povo negro e pelas estatísticas oficiais. Nesse processo tenso, todos os setores sociais são chamados a se repensar. A educação é um deles. (p.108)

O currículo é o primeiro lugar onde as questões raciais precisam se fazer presentes para que alcance o chão da escola e a transformação social por meio dos alunos e alunas, é nesse sentido que a lei 10.639/03 abriu caminho, mas não resolveu o problema da discriminação racial no Brasil, A questão racial é um problema que está além do que a escola sozinha consiga resolver, mas investir na educação é um ótimo começo, sabendo que esse território é o primeiro contato de muitas crianças e jovens com os elementos de uma vida em sociedade, é essencial que a discussão das relações étnico-raciais aconteça para a superação dos problemas de uma desigualdade racial ainda vigente no país.

Fazer-se presente no currículo é ter sua importância reconhecida, pois currículo é a expressão do projeto de sociedade que a escola e a própria sociedade através dos documentos norteadores de currículo desejam para si, sobre a importância do currículo Sacristán (2013)⁵ afirma:

A importância fundamental do currículo para a escolaridade reside no fato de que ele é a expressão do projeto cultural e educacional que as instituições de educação dizem que irão desenvolver com os alunos (e para eles) aquilo que

⁴ GOMES, Nilma L. “**Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões**”. In.: _____ (org). Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. BH: Autêntica, 2010. p.108

⁵ SACRISTÁN, J. Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. São Paulo: Penso, 2013.

consideram adequado. Por meio desse projeto institucional, são expressadas forças, interesses ou valores e preferências da sociedade, de determinados setores sociais, das famílias, dos grupos políticos, etc. (pp 23-24)⁶

A sociedade brasileira, que até hoje não superou o mito da democracia racial, precisa escolher qual projeto de sociedade deve estar representado no currículo, tendo diante de si a lei 10.639/03, cujo surgimento nos permite afirmar que, em determinado momento, foi compreendida a necessidade de se fazer presente na escola culturas afro-referenciadas.

A escola através do currículo e dos assuntos que escolhe abordar ao longo da formação discente pode promover a manutenção das desigualdades raciais e da estrutura racista em que a sociedade tem se sustentado ao longo dos anos ou pode começar a estruturar a mudança de consciência e atitude das pessoas através das narrativas que ocupam o espaço do currículo. Vale a pena ressaltar que trazer a cultura afro-brasileira para o espaço da escola é apenas reconhecer a influência que a população negra exerceu sobre a formação da sociedade brasileira. Ocupar esse espaço na educação contribui para respondermos aos questionamentos de Abdias Nascimento (2016) sobre o embranquecimento da cultura como uma estratégia de genocídio conforme ele aborda no seguinte parágrafo:

O sistema educacional funciona como aparelhamento de controle nesta estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis do ensino brasileiro - primário, secundário, universitário - o elenco das matérias ensinadas, como se executasse o que havia previsto a frase de Sílvio Romero, constitui um ritual da formalidade e da ostentação das salas da Europa, e, mais recentemente, dos Estados Unidos. Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira, no currículo escolar? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? (p. 113)⁷

Responder a essas questões não é só uma questão de preencher uma lacuna, mas de realizar uma reparação histórica com todo um conjunto de saberes, práticas, narrativas e histórias que fazem parte da formação social do Brasil, mas, que ainda é visto como algo à margem do que seria uma identidade nacional. Várias tentativas e esforços vêm sendo feitos para cumprir com a legislação vigente e aumentar a participação dos valores e marcos civilizatórios africanos na educação básica.

Escolher apresentar outras culturas e visões de mundo através da cultura popular afro-brasileira tem a ver com articular de maneira ética os conteúdos escolares com o

⁶ SACRISTÁN, J. Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. São Paulo: Penso, 2013. p 23-24

⁷ NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3ª ed. São Paulo: Perspectivas. 2016. p. 113

contexto social do mundo, como afirma Monteiro (2007)⁸. Em 2020 milhares de pessoas foram para as ruas em um contexto de pandemia protestar contra a violência policial a pessoas negras, o debate étnico-racial ganhou espaço na grande mídia, nós enquanto sociedade precisamos assumir nossa responsabilidade nesse processo de violência institucional que pratica o genocídio do povo negro no Brasil e no mundo, uma forma de começar a lidar com essas questões é escolhendo debater essa temática nas salas de aula e espaços de educação. Ana Maria Monteiro (2007) reforça essa ideia quando afirma que “Os valores são transmitidos não apenas através dos métodos de ensino (que podem induzir à passividade ou a posturas ativas e críticas), mas também através dos conteúdos selecionados para serem ensinados.” (p.92)⁹, portanto, selecionar conteúdos que façam os estudantes refletirem sobre a falsa democracia racial brasileira, democratizar o acesso a história e cultura afro-brasileira pode contribuir para a superação do racismo.

A capoeira tem conseguido abrir espaço em um cenário extracurricular em várias escolas do Brasil, mas será que ela também pode estar dentro do currículo com fins de ampliar o debate sobre relações étnico-raciais? E por que a capoeira?

O mestre Pastinha, como era conhecido Vicente Ferreira Pastinha (1988)¹⁰ dizia que a capoeira era mandinga de escravo em ânsia de liberdade. Essa frase demonstra a raiz africana de capoeira, sabendo-se que a maior parte do povo escravizado no Brasil era de África. Uma outra fala muito comum entre capoeiristas é a de que a capoeira é brasileira de mãe africana. Essas frases fortalecem a origem africana da capoeira, as grandes figuras, os grandes mestres, em sua maioria, são pessoas pretas e isso mostra como a capoeira e os capoeiristas que entendem essa relação capoeira e África podem abrir caminho para o debate das relações raciais.

É sabido que mesmo depois de quase 20 anos de promulgação da Lei 10.639/03 ainda é necessário realizar esforços para que haja uma ampliação do debate das relações étnico-raciais na escola e na sociedade. Não cabe mais na sociedade brasileira currículos que invisibilizam as questões sensíveis à temática racial e ao povo negro brasileiro até mesmo porque “ao se falar em educação, não se pode ter em vista apenas a escolarização, mas também o preparo para a tolerância e a diversidade, fundamental para uma sociedade

⁸ MONTEIRO, Ana Maria, Professores de História: entre saberes e práticas, Rio de Janeiro: Mauad x, 2007. p 92

⁹ MONTEIRO. Ana Maria, Professores de História: entre saberes e práticas, Rio de Janeiro: Mauad x, 2007. p. 92

¹⁰ MESTRE PASTINHA. Capoeira Angola Mestre Pastinha. 3ªed. Salvador. Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1988

com pluralidade étnica.” (SILVA, Maria J.L 2014. p.160)¹¹. Pensando nessas questões é que percebemos a necessidade de ampliar a presença do conteúdo afroreferenciado no currículo da educação básica.

O presente trabalho tem como objetivo pesquisar como a Capoeira ou seus elementos podem servir de materialidade para se introduzir os valores civilizatórios afro-brasileiros na educação básica.

¹¹ Silva, M.J.L. As exclusões e a educação. *In: AZOILDA LORETTO DA TRINDADE, et all (org.). Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola. Petrópolis, RJ: DP et Alii. 2014. p. 160.*

2 COMO A CAPOEIRA PODE CONTRIBUIR PARA O DEBATE DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Pensando em como a educação pode contribuir para o debate das relações étnico-raciais na sociedade e em como a escola ainda precisa de ferramentas para mediar esse debate, o presente trabalho tem como objetivo pesquisar como a capoeira, que é uma manifestação de origem afrobrasileira ou seus elementos podem servir como uma ferramenta para ampliar o debate das relações étnico-raciais no “chão da escola” e no dia a dia dos alunos e professores.

Não seria viável durante este trabalho pensar todos os fundamentos da capoeira e em como eles estão ligados à sua raiz africana, como descreve, por exemplo, Mestre Pastinha (1988)¹² em seu livro *Capoeira Angola*, um universo de saberes e práticas que iriam precisar de muito mais tempo e aprofundamento do que uma trabalho monográfico possa dar conta. Por esse motivo, buscamos na musicalidade da capoeira o escopo para identificar como esse traço pode contribuir na educação das relações étnico-raciais na escola. Essa escolha se dá a partir da vivência da vivência do pesquisador enquanto capoeirista que teve a maior parte da sua educação étnico-racial através das rodas de capoeira, mas principalmente através das músicas cantadas nas rodas de capoeira.

Segundo a autora Anne-Marie Green (apud SOUZA, 2004, p.7), a música tem um papel importante na formação de uma pessoa. A música é um fenômeno social que está presente na vida da maioria das pessoas. Entender o papel formativo da educação musical para além da técnica é necessário para aproveitarmos o potencial que a música tem para abrir o debate sobre questões das mais diversas. Jussamara Souza sobre esse potencial da música comenta que considerar a música como uma comunicação sensorial, simbólica e afetiva, e, portanto, social, geralmente desencadeia a convicção de que nossos alunos podem expor, assumir suas experiências musicais e que nós podemos dialogar sobre elas. (2004¹³, p9)

Na capoeira a música funciona como se fosse a coluna vertebral desta manifestação cultural, é através dela que o conhecimento é passado entre gerações, cumprindo o papel formativo de educadora das relações raciais dos seus praticantes. Analisar como as

¹² MESTRE PASTINHA. *Capoeira Angola* Mestre Pastinha. 3ªed. Salvador. Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1988

¹³ SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 10, 7-11, mar. 2004

músicas de capoeira podem contribuir para o debate das relações raciais no ensino básico e o quanto as músicas de capoeira dialogam com as literaturas que teorizam sobre as relações étnico-raciais da educação será uma doce aventura.

2.1 Objetivo Geral

A educação brasileira carece de ferramentas para a aplicabilidade da Lei 10.639/03. A partir do estudo de PEREIRA, Arilene M.P, et al (2019)¹⁴, podemos ter uma noção do quanto ainda é necessário caminhar para se democratizar a discussão sobre as relações raciais e o quanto ainda precisamos avançar na aplicabilidade da lei 10.639/03. O estudo realizado com professores de educação física da rede municipal de educação de Fortaleza - Ceará revela que 69,1 % dos professores entrevistados não sabiam do que se trata a lei 10.639/03. Estudos anteriores como o de PIRES, JVL et SOUZA, MS (2015)¹⁵, que analisa a aplicação da lei 10.639/03 no município de Bagé - Rio Grande do Sul, também chega à conclusão de que a maioria dos professores entrevistados não sabia sobre o que se trata a lei que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras na educação básica.

O cenário é preocupante, mas o mesmo estudo realizado em Bagé aponta que muitos professores já identificam a capoeira como sendo uma manifestação cultural com raízes afro-brasileiras. Isso significa que a capoeira pode abrir espaço para o debate e abrir também espaço para que outras manifestações culturais afro-brasileiras cheguem à educação básica para se discutirem relações étnico-raciais. Essa prática já é muito comum em grupos de capoeira que agregam outras manifestações como maculelê, samba de roda, jongo e outros. A música de capoeira é a principal ferramenta de educação das relações étnico-raciais nas rodas de capoeira, vamos pensar como utilizar esse potencial formativo na escola.

¹⁴ PEREIRA, Arilene S.M, et al. Aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas aulas de educação física: diagnóstico da rede municipal de Fortaleza/CE. **Rev Bras de Ciên do Esporte**, Brasília. v.41, n. 4, p.412 - 418, 2019.

¹⁵ Pires JVL, Souza MS. Educação física e a aplicação da Lei nº 10.639/03: análise da legalidade do ensino da cultura afro-brasileira e africana em uma escola municipal do RS. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 193-204, jan./mar. 2015.

Assim, diante deste cenário o objetivo geral deste trabalho se apresenta: Compreender como a capoeira pode contribuir para a expansão do debate e das vivências em uma educação antirracista.

2.2 Objetivos Específicos

Para se alcançar o exposto de modo mais geral, pretende-se igualmente com este trabalho:

- Identificar na capoeira os valores civilizatórios afro-brasileiros apresentados por Azoilda Loretto da Trindade.
- Compreender como a capoeira pode contribuir para a educação das relações étnico-raciais na educação física escolar.
- Pesquisar sobre a aplicabilidade da lei 10.639/03 na educação básica.
- Reconhecer a capoeira como uma manifestação da cultura popular de origem afro-brasileira.
- Analisar como as músicas de capoeira se articulam com a literatura sobre a educação das relações étnico-raciais.
- Identificar nas letras das músicas de capoeira o potencial formativo para educação das relações étnico-raciais em educação física.
- Desenvolver uma proposta de intervenção sobre como a capoeira pode contribuir para o debate das relações raciais na escola, em especial no ensino de educação física.

3 DONA ISABEL, QUE HISTÓRIA É ESSA?

Foi em uma roda de capoeira ainda criança que vi pela primeira vez um questionamento sobre a ideia de que a princesa Isabel era responsável por libertar os escravos. Lembro de ouvir o mestre com voz forte, como se estivesse revoltado enquanto o berimbau gunga tocava o toque de angola questionar: “Dona Isabel, que história é essa de ter feito abolição?”

De lá para cá muita coisa mudou, isso me ajudou a me interessar pelo tema das relações raciais e a buscar conhecimento para expandir minha experiência na área. Juntava algumas músicas e entendia que essa era uma linha de pensamento comum entre meus pares capoeiristas. Muitos também questionavam a história oficial sobre a abolição da escravidão e grande parte deles não tinha estudado esse conteúdo na escola, inclusive muitos nem tinham tido tanto acesso à escola.

Essa experiência trouxe comigo até chegar na universidade e voltar minha pesquisa, formação e trabalho para o ensino da capoeira para crianças na educação infantil e no primeiro segmento do ensino fundamental. Percebi que trabalhar a capoeira dentro de uma perspectiva antirracista é uma obrigação para com toda a ancestralidade que lutou para que a capoeira chegasse até mim e, através de mim, aos meus alunos. Tive a oportunidade de conviver com grandes mestres e mestras como Mestre Dunga da cidade Belo Horizonte - Minas Gerais, que nunca frequentou a escola mas é uma grande referência de formação para as relações étnico-raciais na sua comunidade e no universo da capoeira, o mestre aprendeu primeiro na pele sobre o prejuízo do racismo e depois através da capoeira essa consciência racial.

Não me lembro de uma vez sequer ter aprendido sobre relações étnico-raciais no período da escola, então responsabilizo a capoeira por trazer à tona essa curiosidade sobre o tema, isso me ajudou a me reconhecer como negro. Esse impacto causado em mim e em vários colegas me chamou a atenção para o potencial da capoeira de educar as relações étnico-raciais. Se a capoeira cumpre esse papel, e a educação brasileira em termos gerais tem falhado nessa função mesmo desde o ano de 2003 tendo como obrigatoriedade o ensino da história africana e cultura afro-brasileira, por que não trazer para a escola essa expertise da capoeira como ferramenta para o debate das relações étnico-raciais na educação?

Alguns autores e autoras que estudam a aplicabilidade da lei 10.639/03 na educação física escolar tem exposto a necessidade de se ampliar o debate e promover ferramentas

para que a área da educação física se aproprie e desenvolva ferramentas que vão contribuir na construção de uma educação antirracista e uma sociedade mais equânime. Lima, Vânia (2015)¹⁶, ao pesquisar a formação dos professores de educação física em educação das relações étnico-raciais, percebeu que alguns professores sequer sabiam do que se tratava a lei 10.639/03, as professoras entrevistadas em sua maioria não buscavam formação sobre a temática das relações étnico-raciais concentrando suas pesquisas sobre o tema na internet e perguntando a colegas da área.

Esta pesquisa somada a outras citadas acima mostram a necessidade de trabalhos que contribuam com o debate das relações étnico-raciais na educação física. A educação física tem um potencial muito grande para o debate de temas reivindicados por diversos movimentos sociais porque as diretrizes curriculares permitem uma liberdade maior em relação ao conteúdo quando comparado a outras áreas do conhecimento, portanto conteúdos que venham contribuir para o debate das relações étnico-raciais na educação física dependem em maior parte do professor ou da professora que vai selecionar o currículo a ser trabalhado durante as aulas.

O presente trabalho vem para reivindicar a capoeira como movimento educador em uma perspectiva afrocentrada transmissora de valores civilizatórios africanos. Assim como a história do Brasil influenciou a capoeira, a capoeira e o povo que originou a capoeira também influenciaram a formação identitária, social e cultural do Brasil. Existem várias outras manifestações culturais afro-brasileiras que têm potencial educador das relações étnico-raciais, não é objetivo deste trabalho dizer que levando a capoeira o problema da aplicabilidade da lei 10.63/03 na educação física escolar está resolvido, muito pelo contrário, o estudo pretende abrir caminho através da capoeira para que outros conteúdos e manifestações da cultura afrobrasileira estejam presentes no currículo e nas salas de aula contribuindo para uma formação crítica, antirracista para a democracia e superação das desigualdades raciais e sociais que atingem profundamente o Brasil.

¹⁶ LIMA, Vania Wuicik de. **FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, APÓS UMA DÉCADA DE EXISTÊNCIA DA LEI 10.639/03.** Curitiba, 2015. Produto Acadêmico de Especialização (Educação em Relações Étnico-Raciais). Universidade Federal do Paraná.

4 VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS NA CAPOEIRA

O Brasil foi o país do mundo que mais recebeu pessoas escravizadas vindas da África. Os africanos e africanas escravizados no Brasil influenciaram na construção física, ética, moral e cultural do país mesmo sendo violentados e alvos de um genocídio legalizado e patrocinado pelo governo brasileiro ao longo da história.

A partir dos anos 2000, com a política de ações afirmativas através do sistema de cotas e da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras na educação básica, o país vem fazendo um leve esforço para reparar os prejuízos causados à população negra. Essa iniciativa fomenta estudos que contribuíram e vem contribuindo para uma educação das relações étnico raciais.

Neste trabalho o nosso escopo se delimita pela atuação da capoeira como ferramenta para ampliar o debate sobre as relações étnico-raciais na educação física escolar. A capoeira foi escolhida para essa função porque ela aparece como uma manifestação da cultura corporal de movimento recomendada nos documentos norteadores de currículo para a educação física como os “Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC)”. Muito além de recomendada pelos documentos norteadores de currículo, a capoeira apresenta em seus fundamentos e práticas alguns valores civilizatórios africanos conforme apresenta Trindade (2010)¹⁷ inclusive contribuindo para a formação da identidade cultural brasileira. Nego Bispo (2015)¹⁸ defende a ideia de que a cultura corporal, oral, literária é importante para resistir ao preconceito e ao etnocídio praticado contra as populações afro-pindorâmicas e os seus descendentes.

A capoeira reúne elementos necessários para se pensar a escola e a sociedade a partir de cosmovisões afrodescendentes baseadas em valores civilizatórios afro-brasileiros, como defende Azoilda Loretto da Trindade (2010). Sobre o valor “**Energia Vital**” Azoilda Trindade fala do “Axé” que é como uma força que confere a crianças divindade, sendo todos os seres dotados de energia vital e de axé. Na capoeira, a expressão “Axé” está presente em músicas, no discurso, e é algo que pode ser sentido e medido segundo alguns capoeiristas pela maneira como o coletivo e os elementos presentes na

¹⁷ TRINDADE, Azoilda. L. da. Valores Civilizatórios e a Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, P.; TRINDADE, A. L. da. (orgs.). Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

¹⁸ SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos, Modos e Significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

roda emocionam e impactam as percepções dos indivíduos. Em minha observação e vivência em rodas de capoeira, sempre percebi o uso do termo “Axé” para descrever se uma roda foi boa ou não. É comum ouvir que “Essa roda foi cheia de axé” ou “O axé estava lá no alto” para se referirem a uma roda onde se sentiram bem e onde perceberam um envolvimento coletivo na construção desse axé; é como se esse axé fosse o elemento responsável por nutrir e cuidar da saúde mental mesmo que o corpo físico esteja fadigado. Sobre a energia vital o mestre Nestor Capoeira chama esse mesmo fenômeno de “alegria de viver”. Em sua obra *Capoeira: O novo manual do jogador*, o mestre e pós-doutor Nestor Capoeira (2017)¹⁹ afirma: “Esta alegria de viver está representada, na roda, pela energia positiva e alto astral do som que acompanha e rege o jogo.” (p.27) Assim, como coloraria da energia vital, apresenta-se a musicalidade na capoeira, a qual contribui para uma sensação de revigoramento.

Nego Bispo (2015, p.85)²⁰ propõe um olhar para a energia vital como uma produção coletiva, o que corrobora com essa ideia de que a roda de capoeira é um lugar de renovação e produção de energia vital e do axé. Sobre esse processo Nego Bispo diz: “E a melhor maneira de guardar os produtos de todas as nossas expressões produtivas é distribuindo entre a vizinhança, ou seja, como tudo que fazemos é produto da energia orgânica, esse produto deve ser reintegrado a essa mesma energia.”

A nossa energia vital somada é capaz de produzir alimento em forma de energia vital para pessoas que estão fazendo parte deste mesmo movimento. No dia a dia da escola quantas vezes os alunos e alunas se reúnem para cuidar das suas energias vitais? A educação física escolar pode contribuir para esse momento ao assumir a capoeira como parte do currículo.

A **oralidade** é um dos valores civilizatórios africanos que, segundo Trindade (2010), transmite história e as marcas da nossa existência através da fala. Enquanto o comando dado a muitos alunos nas salas de aula é para fazerem silêncio, a oralidade estimula que falem, que contem histórias, memórias, saberes e suas formas de se relacionar com o mundo. Dentro do valor civilizatório da oralidade estão elementos como musicalidade, o mito, os contos, as parlendas e histórias do cotidiano que carregam lições importantíssimas para a vida em sociedade. A própria Lei de Diretrizes e Bases (1996)²¹

¹⁹ PASSOS NETO, Nestor, S dos. *Capoeira: O Novo Manual do Jogador*. 1ª Ed. Rio de Janeiro. 2017.

²⁰ SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

²¹ BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9.394/1996. BRASIL.

em seu artigo 22 ao falar sobre os objetivos da educação básica reconhece a importância da educação para o desenvolvimento do exercício da cidadania e a oralidade é uma ferramenta que se mostra eficaz para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias ao exercício da cidadania e à vida em sociedade.

Valorizar a oralidade na educação é valorizar a humanidade na sua diversidade e também respeitar a divindade ou energia vital presente em cada ser. Hampaté Bâ (1980)²² é muito assertivo ao falar do valor da oralidade como conhecimento científico no seguinte trecho:

Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra. Nada prova a priori que a escrita resulta em um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral transmitido de geração a geração. (p.168)

Hampaté Bâ nos faz refletir que a origem do conhecimento são as experiências do que é vivo, a oralidade não disputa espaço com o conhecimento escrito mas o antecede. Nego Bispo (2015 p.45) em um de seus poemas nos ajuda a perceber essa relação entre a oralidade e o que é materializado seja através da escrita ou de qualquer outro tipo de materialização do saber e do campo ideológico.

Fogo!...Queimaram Palmares,
Nasceu Canudos.
Fogo!...Queimaram Canudos,
Nasceu Caldeirões.
Fogo!...Queimaram Caldeirões,
Nasceu Pau de Colher.
Fogo!...Queimaram Pau de Colher...

E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem queimando
Porque mesmo que queimem a escrita,
Não queimarão a oralidade.
Mesmo que queimem os símbolos,
Não queimarão os significados.
Mesmo queimando o nosso povo,
Não queimarão a ancestralidade.

A oralidade cumpre um papel fundamental no resgate da história dos africanos escravizados no Brasil porque há um contraponto à história oficial presente nos livros didáticos. A história contada pelos negros a partir de suas formas de fazer arte e cultura

²² BÂ, Amadou Hampaté. **A Tradição Viva**. In: ISKANDER, Z. (org). História Geral da África. Vol.1. São Paulo. Ática: UNESCO, 1980. p. 181-218.

vão movimentando as estruturas sociais que até hoje tem feito do racismo a base da desigualdade social no Brasil. Conceição Evaristo (2021)²³ afirma:

Nesse sentido, pode-se afirmar que a apropriação que os afro-brasileiros fazem do passado conflita com o registro da história oficial e tem servido como orientação para uma práxis política vivida através de várias modalidades de arte. Reunindo elementos culturais de matrizes africanas como forma de resistência - e com isso buscando novas formas de intervenção no social -, os afro-brasileiros promovem arte e política a partir da condição de subalternidade experimentada por eles. (p. 25)

A capoeira é um desses movimentos educadores que tem entre seus fundamentos a oralidade, que é a principal forma de transmissão de conhecimento político e histórico sobre essa manifestação da cultura popular. Através da oralidade se ensinam conhecimentos que dizem sobre a história do Brasil e da escravização até coisas do cotidiano. Na capoeira a metáfora, os contos, o mitológico, ocupam lugar central nas músicas e na história dos personagens lendários como Zumbi, Besouro, Bimba, Pastinha, Maria Doze Homens, Dandara, Madame Satã dentre tantos outros que são pessoas negras protagonizando as histórias e as narrativas que contribuem para a formação de uma consciência racial antirracista. É impossível não se questionar sobre a abolição da escravização ouvindo a ladainha do Mestre Toni Vargas, que questiona:

Dona Isabel, que história é essa de ter feito a abolição?
De ser princesa boazinha que acabou com a escravidão
Eu tô cansado de conversa, eu tô cansado de ilusão
Abolição se fez com sangue que inundava esse país
Que o negro transformou em luta, cansado de ser infeliz
Abolição se fez bem antes, e ainda há por se fazer agora
Com a verdade da favela e não com a mentira da escola
Dona Isabel chegou a hora de se acabar com essa maldade
E ensinar aos nossos filhos, o quanto custa a liberdade
Viva Zumbi, nosso Rei negro, que foi herói lá em Palmares
Viva a cultura desse povo, a liberdade verdadeira
Que já corria no quilombo, que já jogava Capoeira
Iê viva Zumbi. Iê viva Zumbi, Camará!

A ladainha é um tipo de música que é entoada no início das rodas de capoeira, embalada sob o toque de angola onde não há jogo no centro da roda e todos os capoeiristas devem estar atentos para ouvir a mensagem que a ladainha busca passar. Não tem palmas, apenas a bateria e o cantador que canta uma história que pode ser uma mensagem objetiva como a ladainha acima que vai direto ao ponto ao questionar a abolição sendo um “presente” da princesa Isabel ou cheia de metáforas e símbolos que geralmente valorizam os personagens míticos da capoeira, questionam a narrativa oficial de abolição da

²³ EVARISTO, Conceição. Narrativas de (re) existência. In: Amílcar Araújo Pereira. (Org.). **Narrativas de (Re) existência: Antirracismo, história e educação**. Campinas, SP. Editora da Unicamp. 2021.

escravidão, contam sobre a religião de matriz africana dentre outros temas, sempre tendo a pessoa negra como protagonista. No início dos anos 2000 houve uma tentativa de conselhos regionais de educação física (CREF) de regulamentar o exercício da profissão de quem atuava com capoeira, e a ladainha composta por Mestre Camaleão ocupou um papel importante na conscientização dos capoeiristas sobre o tema de forma que se unissem para lutar coletivamente contra esses movimentos dos conselhos de educação física. Em 2011 a ação civil pública foi transitada em julgado e não cabe mais recurso dos conselhos sobre a matéria. Hoje a ladainha do Mestre Camaleão ainda é entoada para que os capoeiristas se recordem sobre esse momento na história e para educar as novas gerações de mestres e professores sobre as tentativas de institucionalização da capoeira. A ladainha do Mestre Camaleão diz:

Andam dizendo por aí
 Andam dizendo por aí que uma lei já se formou
 Para regulamentar a capoeira, isso é coisa de doutor
 Quem elaborou essa lei
 Quem elaborou essa lei, capoeira não jogou
 Capoeira nasceu no gueto e o mundo já ganhou
 A capoeira está livre deste sistema opressor
 Para ser bom capoeira,
 Para ser bom capoeira não precisa ser doutor
 Todo mestre é doutorado nessa arte meu senhor
 Camarada. Iê aquinderreis.

A oralidade ocupa um papel central na educação de capoeiristas no mundo todo, como foi dito acima é a principal forma de transmissão de conhecimento entre os capoeiristas, e esse fenômeno tem um grande potencial na educação. Como vimos, o universo da capoeira possui uma vasta gama de canções afrocentradas e com uma perspectiva educadora, transformadora e antirracista. Essa grande variedade de músicas nos faz olhar para a capoeira como um conteúdo possível e necessário no currículo da educação básica.

Um outro valor civilizatório afrobrasileiro segundo Trindade (2010) é a **circularidade** ou a roda como chamamos na cultura popular. Várias manifestações da cultura popular brasileira de influência africana acontecem em roda, o samba, o jongo, maculelê, ciranda, mineiro pau, dentre tantas outras possibilidades de interação em roda e na capoeira não é diferente, a maior expressão da capoeira onde todos os seus elementos se apresentam de forma simultânea é justamente na roda de capoeira. A roda de capoeira tem um potencial de incluir qualquer corpo, experiência prévia sem distinção de raça, gênero ou deficiência.

A disposição tradicional das carteiras escolares que conta com os alunos um atrás do outro em várias colunas e filas segundo Almeida (2014)²⁴ contribui apenas para uma educação centralizada no poder e na disciplina que Foucault (1999)²⁵ entende ser bom para o processo de docilização dos corpos que castra a autonomia e o senso crítico dos alunos que fazem parte desse processo. No dia a dia da sala de aula que conta com essa disposição, é comum vermos uma hierarquização inclusive entre os alunos, tendo os alunos que se sentam no fundo da sala um estereótipo de mau aluno, desinteressado entre outros adjetivos ruins para eles.

A roda permite uma outra disposição conferindo uma horizontalidade maior das relações entre alunos e entre alunos e professores. A roda, além de ser uma disposição onde todos podem se olhar, também representa renovação, processo e coletividade. Ao comparar o futebol e a capoeira Bispo (2015)²⁶ destaca o potencial inclusivo da capoeira e destaca como a roda contribui para esse aspecto na modalidade, ele afirma:

Numa roda de capoeira, regida pelos ensinamentos de vida, podemos ter cinquenta pessoas jogando, uma pessoa ensinando e pouquíssimas assistindo. Entre as poucas pessoas que assistem pode haver alguma que nunca viu a capoeira. No entanto, se esta quiser, ela pode entrar na roda e jogar. Uma pessoa de qualquer sexo e de qualquer idade que não conheça nenhuma das duas modalidades tem muito mais probabilidade de ser convidada para entrar numa roda de capoeira que num jogo de futebol. Essa lógica excludente do futebol e inclusiva da capoeira estão presentes no dia a dia e fazem parte do processo organizativo da coletividade. (p.42)

É fato que a roda de capoeira atribui uma função para cada participante dela, independentemente do número de pessoas. Há a função dos tocadores, que pegam os instrumentos como berimbau, pandeiro, atabaque, agogô, reco-reco e aí a quantidade e variedade de instrumentos vai variar de acordo com o estilo de capoeira que se segue ou se pretende aplicar nas aulas de educação física escolar. Temos também a função das palmas e de interagir com o cantador respondendo ao coro, além dos jogadores que estão no centro da roda. Essa variedade de funções confere a capoeira um potencial de incluir pessoas diferentes no mesmo espaço.

Na escola onde existe uma diversidade de corpos, vivências motoras e condições para a prática da educação física, uma manifestação cultural com esse potencial de inclusão precisa ser melhor aproveitada. A educação brasileira estaria em melhores

²⁴ Almeida, W. R. A. (2014). Relações de poder no cotidiano escolar: análise e reflexões da relação aluno-escola. *Educação Por Escrito*, 5(2), 274-285. <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2014.2.14445>

²⁵ FOUCAULT, M. . **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

²⁶ SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

condições se incorporasse à sua prática os valores civilizatórios afro-brasileiros, seja através da capoeira ou de tantas outras manifestações da cultura popular afro-brasileira. Aqui o foco é a capoeira, mas a circularidade presente em várias outras manifestações da cultura popular afro-brasileira confere benefícios semelhantes aos que aqui são reclamados à capoeira.

Um outro valor afrobrasileiro segundo Trindade (2010)²⁷ é o da **corporeidade**. O corpo é a nossa principal ferramenta de interação com o mundo. Em uma realidade onde africanos foram escravizados, a única coisa que trouxeram foi seu corpo e seu saber cultural. Na capoeira, o corpo é a principal forma de conexão com o conteúdo da capoeira e seus elementos. O jogar capoeira carrega muitos símbolos e metáforas que são aplicadas à vida, a própria roda de capoeira é uma metáfora da grande roda que é o mundo. É comum entre capoeiristas o entendimento de que a capoeira prepara o corpo e a mente para o dia a dia e seus desafios.

O migrante nu como Evaristo (2021)²⁸ chama o africano escravizado no Brasil traz consigo seu corpo e memória, que, mesmo com todas as privações impostas pela escravização, ainda foi capaz de influenciar a formação identitária desse país de proporções continentais. A escola precisa valorizar esse saber que veio pela memória e oralidade que se expressa também em movimentos do corpo negro que se tornou cultura.

A instituição escolar, segundo Foucault (1987)²⁹, pode ser responsável pelo que o autor chama de docilização dos corpos, sendo essa docilização responsável por diminuir a capacidade autonomia e criticidade da população, se assemelhando a sistemas que aprisionam como os manicômios e prisões. A proposta de Trindade (2010), ao defender os valores civilizatórios afro-brasileiros na educação, colabora para atingirmos como sociedade os objetivos da educação brasileira de formar para a cidadania e criticidade. A capoeira e as manifestações culturais afro-brasileiras que carregam esses valores civilizatórios afro-brasileiros contribuem para a emancipação dos corpos justamente porque os valores civilizatórios afro-brasileiros partem de princípios diferentes dos da cultura do colonizador.

²⁷ TRINDADE, Azoilda. L. da. Valores Civilizatórios e a Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, P.; TRINDADE, A. L. da. (orgs.). Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

²⁸ EVARISTO, Conceição. Narrativas de (re) existência. In: Amílcar Araújo Pereira. (Org.). **Narrativas de (Re) existência: Antirracismo, história e educação**. Campinas, SP. Editora da Unicamp. 2021.

²⁹ FOUCAULT, M. . **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

Essa corporeidade carregada de sentidos, significados, histórias e memórias ainda é alvo do racismo estrutural que se faz presente na sociedade, o corpo negro resiste a todos os estereótipos e ideias embranquecidas sobre ele, falas como a de que uma pessoa negra precisa se relacionar com uma pessoa branca para embranquecer a família, algo que pode parecer inocente, mas, na verdade, contribui para um genocídio étnico impetrado contra a população negra ao longo da história. Esse racismo estrutural é tão cruel ao corpo negro, que educa o próprio negro para que ele rejeite seu corpo e o de seus pares. Gomes, Nilma (2020)³⁰ mostra como a rejeição ao corpo negro corrobora para a manutenção dessa estrutura racista ao declarar:

A rejeição do corpo negro pelo negro condiciona até mesmo a esfera da afetividade. Toca em questões existenciais profundas: a escolha da parceira, a aparência dos filhos que se deseja ter. Nesse caso, estamos diante de uma rejeição que se projeta no futuro, nos descendentes que poderão vir. A melhor forma de se precaver contra essa possibilidade é “clarear a raça” desde já, na escolha da parceira branca. O tipo de cabelo é o que orienta a escolha. Nesse caso, o cabelo simboliza a possibilidade do embranquecimento ou seu impedimento. (p.138)

O corpo negro, que historicamente vem sendo alvo do racismo, precisa ser valorizado, expandir suas potencialidades através das diversas possibilidades que esse corpo possui, a capoeira contribui para a expansão de potencialidades motoras e construção de uma corporeidade própria que valoriza saberes afro-centrados. Segundo Silva Lucas e Ferreira Alexandre (2012, p. 670)³¹ a capoeira enriquece a corporeidade do indivíduo na medida em que esse corpo se relaciona com os fundamentos dela. Padrões naturais de movimento como contrair e expandir, arrastar, acorar, 4 apoios e a fase de equilíbrio e oposição fazem parte do repertório motor da capoeira. Muito diferente dos esportes, a capoeira não valoriza apenas o corpo “atletico”, mas todo corpo é bem-vindo, todo corpo é aceito e todo corpo é funcional para a prática da capoeira. Esses elementos tornam a capoeira uma ferramenta que pode valorizar as diferentes corporeidades na educação.

Um outro valor afro-brasileiro segundo TRINDADE (2010)³² é a **musicalidade**. A música tem um papel fundamental no desenvolvimento motor, cognitivo e social dos

³⁰GOMES, Nilma Lino. Sem Perder a Raiz: Corpo e Cabelo como símbolos da identidade negra. 3 ed. Belo Horizonte. Ed. Autêntica. 2020.

³¹ SILVA, Lucas C. D. FERREIRA, Alexandre D. Capoeira Dialogia: O corpo e o jogo de significados. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 665-681, jul./set. 2012

³² TRINDADE, Azoilda. L. da. Valores Civilizatórios e a Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, P.; TRINDADE, A. L. da. (orgs.). Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

alunos e alunas. Trindade (2010) quando fala sobre a musicalidade como valor civilizatório afro-brasileiro, ela sugere que na educação infantil se cante e se dance, que se batuque e se estimule sensações e movimentos a partir da música, que se permita o movimento que só a música pode conferir em contraponto a uma educação que busca censurar e docilizar corpos não permitindo que se cante, dance e muito menos batuque no espaço da sala de aula.

A música gera movimento e aproveitar esse potencial da musicalidade para inspirar movimentos pode ser usado na educação como uma ferramenta para proporcionar o aprendizado pelo corpo, corpo que sente, olha, ouve, sente cheiro e textura, a quantidade de estímulos e sensações que se podem extrair a partir da relação do corpo com a música vai permitir que o aluno ou aluna se envolva de forma diferente com o conteúdo que se busca na educação básica.

A musicalidade é um dos elementos que diferencia a capoeira das lutas de origem euroasiática, muitas pessoas inclusive não consideram a capoeira luta justamente por ter a influência da música e afirmam que por isso a capoeira é uma modalidade de dança.

É fato que a música de capoeira ocupa um papel central na roda, onde todos os elementos já citados anteriormente se encontram. A música passa uma mensagem que pode ser para os jogadores, para a bateria, para as pessoas que estão na roda ou para pessoas que estão fora da roda. A música de capoeira carrega sempre uma mensagem que pode ser de natureza diversa, sendo também uma forma de comunicação e uma metodologia de ensino-aprendizagem sobre diversos temas, dentre eles o tema da relação étnico-racial.

De Mestre Bimba aos mestres e mestras que hoje compõem músicas de capoeira há o consenso de que a música é uma forma de transmitir uma mensagem como nessa música gravada por Mestre Bimba no ano de 1969:

Iê tem um vizinho
Ó perto de mim tem um vizinho
Se enricou sem trabalhar
Meu pai trabalhou tanto
Mas nunca foi de enricar
Num deitava uma noite
Que deixasse de rezar, camará

Neste trecho da faixa denominada “Quadras”, o mestre traz um relato que pode ser do dia a dia dele ou de alguma pessoa do seu convívio, pode-se interpretar de diversas formas essa canção, essa música é uma oportunidade de se discutir meritocracia por exemplo, será que todas as pessoas podem enriquecer apenas com esforço do seu

trabalho? E, se essa pessoa for negra, as chances de enricar com o seu trabalho serão maiores ou menores? Ou ainda pode ser que o mestre esteja apontando para uma questão de escravização ou subemprego, mas de qualquer forma a música é uma crítica à meritocracia que algumas pessoas pregam como solução individual para um problema coletivo de desigualdade social tão profunda como acontece no Brasil.

Esses são alguns exemplos de debates que podem surgir a partir de uma música cantada por um dos mais memoráveis capoeiristas que já passou pelo mundo. No ano de 2018 a capoeira continua sendo usada como forma de comunicação, Mestre Barrão lançou o álbum “A voz do Cantador” e neste trabalho tem uma música chamada “Dandara” interpretada pelo Mestre Barrão e por Carolina Soares, a música conta a história de Dandara, mulher protagonista no Quilombo de Palmares que foi companheira de Zumbi dos Palmares na luta no quilombo, tendo o suicídio como fim, se jogando de uma pedra para não se sujeitar a condição de escravização.

A musicalidade na capoeira é o canal para a oralidade mas também para a energia vital, o axé pode ser sentido quando o coletivo faz uma boa música e se envolve, Trindade recomenda o uso da música principalmente as que falam de cultura e história do povo brasileiro, a capoeira é uma ferramenta que proporciona diversos estímulos através de músicas que ativam os sentidos, seja contando uma história sobre o povo preto ou sendo a música um trava-língua que ativa a **ludicidade**, as capacidades cognitivas e as funções psicomotoras.

A ludicidade enquanto um valor civilizatório afro-brasileiro como defende Trindade (2010) é a afirmação da vida e do desejo de viver, sendo assim indispensável para nos mantermos motivados em continuar vivos e aprendendo. O principal indicador da ludicidade é o sorriso. A ludicidade tem a ver com sentimento e sobre isso Trindade (2010) e Luckesi (2014)³³ estão de acordo, pois o autor defende a ideia de que para que haja ludicidade é preciso que se tenha um sentimento bom em relação ao que se pretende dar o nome de lúdico, esse sentimento deve partir de quem participa da atividade e não de quem a propõe, uma brincadeira pode ser lúdica ou não a depender da relação que a pessoa brincante estabelece com a brincadeira, com o tempo e espaço onde a brincadeira é realizada.

³³ Luckesi, C. (2014). Ludicidade e formação do educador. *Revista Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade*, 3(2). <https://doi.org/10.9771/2317-1219rf.v3i2.9168>

Para se propor uma atividade que seja lúdica é preciso pensar também na qualidade do ambiente de aprendizagem onde a atividade será proposta. Ambientes acolhedores e seguros contribuem para a ludicidade. Na roda de capoeira é comum que os “mais velhos” se preocupem com a segurança e participação dos alunos mais novos, quem sabe mais ajuda quem sabe menos, formando um ambiente de interação social agradável independente do tempo de prática do aluno. O jogo de capoeira tem muito potencial de ser lúdico por ser um ambiente que acolhe diferentes idades, pesos e experiências prévias em um mesmo espaço. A capoeira não ser hierarquizada e não depender de um ganhador ou perdedor facilita para que a vitória seja coletiva e de interesses comum aos participantes, Bispo (2015)³⁴ sobre a capoeira fala que ela representa uma cosmovisão que se contrapõe ao modelo das manifestações colonizadoras e representa um modo de vida que valoriza o coletivo em detrimento do individual, para ser bom não adianta só ser bom pra um, mas para todos que participam da atividade, essa cosmovisão contribui para que as atividades de capoeira sejam lúdicas e emanem sentimentos bons nas pessoas que vivenciam essa prática.

O último valor civilizatório apresentado por Trindade (2010) é o da **Cooperatividade**. Em diversas manifestações da cultura africana e afro-brasileira podemos ver o elemento da cooperatividade presente. O princípio é a cooperação ao invés da competição, o sucesso nas manifestações da cultura popular afro-brasileiras é coletivo, só se ganha se for em coletividade. Podemos ver a cooperatividade não só nas manifestações culturais, mas também na história de luta dos povos africanos escravizados no Brasil, o Quilombo é uma materialização dessa cooperatividade como valor civilizatório, é como se a sobrevivência do povo e da cultura dependesse de todos.

A escravização não era um problema individual, mas era um problema coletivo, o racismo também é coletivo, estrutural como ele é, só se pode resolver essa questão racial de forma coletiva. Neusa Santos (2021)³⁵ no livro “Tornar-se Negro” mostra como mesmo que uma pessoa negra ascenda socialmente e tenha uma condição financeira tranquila, ela ainda assim será atravessada pelo racismo, ninguém será capaz de sozinho resolver uma questão que está tão enraizada na estrutura da sociedade brasileira, serão

³⁴ SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos, Modos e Significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

³⁵ SOUZA, Neusa Santos. 2021. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 2021.

necessários organização, projetos pedagógicos, de lei, de representatividade e uma série de outras ferramentas para superar o racismo.

Cooperatividade é uma lei nas manifestações da cultura popular afro-brasileira, a circularidade é um convite a cooperação, na capoeira temos vários fundamentos que nos convidam a cooperatividade, a formação em roda, as funções para cada participante da roda seja ela com 10 ou com 500 pessoas, na capoeira todas as pessoas vão participar e contribuir para que a capoeira se materialize.

A essência da capoeira é a cooperação, é impossível imaginar uma roda de capoeira sem ser cooperativa, como fazer capoeira apenas com 1 pessoa, como pode os jogadores jogarem sem a orientação do ritmo? E qual sentido faz ter uma charanga (bateria) sem os corpos dialogando no centro da roda? Quando questionados sobre o jogo da capoeira os mestres e mestras usam a metáfora do diálogo, há um entendimento de que o jogo não é uma disputa, não é uma competição mas é uma conversa onde há perguntas e respostas, jogos de capoeira que prendem a atenção e que fazem a roda vibrar são aqueles jogos onde a qualidade técnica dos jogadores e jogadoras é parecido e eles conversam através das pernadas com entradas e saídas, colocando o outro em uma situação quase que sem condições de responder e o gol da capoeira é quando nesta condição o capoeirista cria o caminho para tornar a resposta possível. A esquivada improvável no último momento é mais comemorada do que quando o pé pega.

A bateria, as palmas, a música cantada pelo cantador, pelo coro e o jogo estão conectados, um depende intrinsecamente do outro e quando há esse esforço coletivo em realizar este encontro dos elementos é quando conseguimos materializar a capoeira e proporcionar uma experiência transformadora para os alunos e alunas. Se sentir capaz e pertencente faz parte deste processo de se reconhecer e se encontrar com sua identidade a partir dos elementos da capoeira.

5 GINGANDO E ESQUIVANDO

Para este produto buscou-se utilizar pressupostos metodológicos pós-coloniais partindo de um princípio onde a maioria dos autores e autoras citadas durante todo o trabalho são autores e autoras negras com pouquíssimas exceções. Essa escolha se dá pela coerência onde um trabalho sobre educação das relações étnico-raciais na educação básica tenha o protagonismo de pessoas negras que muito têm contribuído para que a educação brasileira avance no debate das relações étnico-raciais.

Não se pode ignorar esses movimentos sociais que vêm pautando os currículos ao longo dos últimos anos e conseguindo conquistar cada vez mais espaço que demandam de docentes, gestores, cursos de formação de professores uma mudança de práticas para que atendam a essas demandas. Gomes (2012)³⁶ sobre isso afirma:

É nesse contexto que se encontra a demanda curricular de introdução obrigatória do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas da educação básica e superior em relação à África e aos afro-brasileiros. Mudanças de representação e de práticas. Exige questionamento dos lugares de poder. Indaga a relação entre direitos e privilégios arraigada em nossa cultura política e educacional, em nossas escolas e na própria universidade. (p.100)

A pesquisa bibliográfica priorizando autores e autoras negras também serve como base para que docentes pesquisem sobre a temática das relações étnico-raciais para além do presente trabalho, este trabalho introduz uma possibilidade de se trazer valores civilizatórios afro-brasileiros para as aulas de Educação Física escolar, esta é apenas uma forma de fazer dentre tantas outras que podem surgir a partir desse diálogo entre prática dos movimentos sociais como a capoeira e a teoria das relações étnico-raciais construídas pelos acadêmicos e pelas acadêmicas.

Escolhemos trabalhar dentro de uma perspectiva afrocentrada que olha para o ser humano de forma holística, entendendo esse ser humano como um corpo indivisível de emoções de atuação política, artística ou cultural. As aulas da sequência didática levaram em consideração a não hierarquização de saberes, histórias e culturas estando alinhadas com Gomes (2012), que, quando analisa a peça teatral *Besouro Cordão-de-Ouro*, reconhece essa mesma metodologia e sobre isso escreve:

Um paradigma que não separa corporeidade, cognição, emoção, política e arte. Um paradigma que compreende que não há hierarquias entre conhecimentos, saberes e culturas, mas, sim, uma história de dominação, exploração, e colonização que deu origem a um processo de hierarquização de conhecimentos, culturas e povos. Processo que ainda precisa ser rompido e

³⁶ GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem fronteiras*, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

superado e que se dá em um contexto tenso de choque entre paradigmas no qual algumas culturas e formas de conhecer o mundo se tornaram dominantes em detrimento de outras por meio de formas explícitas e simbólicas de força e violência. p.102

A pesquisa começa com uma revisão de literatura onde autores e autoras dialogam sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros e a relação desses valores com a capoeira, em seguida buscou-se articular esses conceitos com uma sequência didática onde os valores civilizatórios são apresentados utilizando como ferramenta pedagógica a capoeira. O entendimento a que se chegou sobre sequência didática é descrito por Zabala (1998)³⁷ que diz:

Se realizamos uma análise destas sequências buscando os elementos que as compõem, nos daremos conta de que são um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos. p.18

Cada aula da sequência didática prioriza um ou dois valores civilizatórios afro-brasileiros segundo Trindade (2010) como descritos ao longo do trabalho, mas pode ser que mais de dois deles estejam presentes em momentos específicos das aulas não sendo nosso objetivo principal para aquela aula.

Um outro ponto importante para que é necessário ressaltar é o de que as questões étnico-raciais são a base de toda a sequência, não foi escolhido um ponto mas todos os pontos corroboram para a formação de uma consciência antirracista, esta escolha se dá a partir da construção da pesquisa de Gomes (2012), que diz:

Mas o trato da questão racial no currículo e as mudanças advindas da obrigatoriedade do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nos currículos das escolas da educação básica só poderão ser considerados como um dos passos no processo de ruptura epistemológica e cultural na educação brasileira se esses não forem confundidos com “novos conteúdos escolares a serem inseridos” ou como mais uma disciplina. Trata-se, na realidade, de uma mudança estrutural, conceitual, epistemológica e política. p. 106

Esses passos, mesmo que pequenos, representam-se importantes na direção de uma sociedade mais justa, inclusiva, democrática e, de forma redundante, antirracista; digo redundante, pois não há democracia e inclusão sem esse compromisso de colocar na base dos currículos e dos projetos políticos pedagógicos o compromisso com uma educação antirracista.

³⁷ Zabala, Antoni. **A prática educativa: Como ensinar.** Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre. Artmed. 1998.

6 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES-ÉTNICO-RACIAIS PELA CAPOEIRA

Os valores civilizatórios afro-brasileiros nos ajudam a nos relacionar com o mundo e com nossos semelhantes, sejam humanos ou demais elementos da natureza. Através deles, aprendemos uma outra lógica que não passa pela exploração, mas pela cooperatividade.

Até aqui vimos como a capoeira se relaciona com esses valores e como essa manifestação cultural pode ser aliada no processo de fazer uma educação comprometida com uma prática pedagógica antirracista. A seguir será apresentada uma sequência didática onde se pretende abordar os valores civilizatórios afro-brasileiros por meio dos elementos da capoeira.

Esta sequência terá um total de 8 aulas e cada aula compreende um período de 50 minutos, que organizarem aos pares, pois é como se organizam geralmente as aulas nas escolas municipais de ensino fundamental do município do Rio de Janeiro.

➤ Sequência didática:

Aula 1 e 2:

Objetivo Geral: Compreender que africanos não aceitaram passivamente a escravização e lutaram bravamente pela sua liberdade.

Objetivos específicos: Conhecer o histórico de luta e resistência do povo Matamba; Vivenciar o movimento da ginga da capoeira; Conhecer o valor civilizatório afrobrasileiro da oralidade; Conhecer a história da Rainha Nzinga.

Valor civilizatório: Oralidade e ludicidade

Tempo	Descrição da atividade	Material
20'	<p>- Acolhimento: Neste momento deve-se realizar a chamada, conversar um pouco sobre como os alunos e alunas estão se sentindo, fazer os combinados do dia sobre banheiro, água e outras coisas, explicar qual o objetivo da nossa atividade e o que se espera dos alunos para aquele encontro.</p> <p>- Atividade 1 - Diagnóstico: Com um giz de quadro branco o professor ou professora vai escrever no chão a palavra “África”</p>	vários pedaços de giz para quadro negro. Aparelho celular com câmera fotográfica

	<p>e pedir para que os alunos e alunas também escrevam uma palavra, mas a palavra a ser escrita deve se a primeira coisa que eles lembram quando ouvem a palavra “África”, o que a palavra “África” os faz lembrar. É muito importante tirar uma foto do resultado dessa nuvem de palavras para comparar com a nuvem que será feita no final da sequência didática.</p>	
65'	<p>- Atividade 2: A história da Rainha Nzinga Contar a história da rainha Nzinga Mbandi e como ela liderou a resistência contra a invasão portuguesa. É importante fazer perguntas do tipo: “Vocês já ouviram falar na Rainha Nzinga?” A história não pode ser longa mas deve demonstrar o espírito de liderança e de combatividade de uma Rainha que liderou seu povo contra portugueses e holandeses que os tentavam escravizar.</p> <p>- Atividade 3: Movimento da Ginga Agora que a gente conheceu a história da Rainha Nzinga, vamos aprender o movimento da Ginga da capoeira, a ginga é importante porque mantém o corpo em movimento e preparado para atacar e defender a qualquer momento. Pedir para que os alunos e alunas façam filas e para que cada um faça uma linha na horizontal com o seu pedaço de giz e que fique com os seus dois pés em cima da linha, quando for dado o comando os alunos e alunas devem levar um pé para trás enquanto o outro permanece em cima da linha, a linha deve estar sempre ocupada por um dos pés. A atividade pode evoluir com ritmos diferentes, indo devagar e acelerando aos poucos.</p> <p>- Atividade 4: Ataque e defesa Vamos pedir aos alunos e alunas que façam duplas e fiquem um de frente para o outro, em seguida contar a história de uma das batalhas da Rainha Nzinga, lembrar que o combate naquele tempo era feito no corpo a corpo e que saber atacar é esperar o momento certo ou criar esse momento. A atividade consiste em um gingar de frente para o outro e eles vão tentar encostar com a mão no ombro ou no joelho do colega, o colega não pode deixar e também vai tentar encostar no ombro ou joelho do outro. Troque de dupla algumas vezes e oriente que é preciso usar de estratégia.</p>	<p>Filme sobre a Rainha Nzinga: https://www.youtube.com/watch?v=kxr1l ocOoE</p> <p>Giz para quadro</p> <p>Música, ou um instrumento tipo pandeiro ou berimbau, pedaços de macarrão de piscina.</p>

	<p>- Atividade 5: Uma rainha que não se submete</p> <p>Contar a seguinte história: “Um dia, o líder da invasão portuguesa chamou Nzinga para negociar a rendição, Nzinga quando chegou na sala de negociação achou estranho o fato de ter apenas uma cadeira na sala e em frente a cadeira um tapete, Nzinga logo entendeu que o líder da invasão queria que ela sentasse no chão para que ela olhasse de baixo para cima, então Nzinga pediu que um de seus soldados ficassem em uma posição de 4 apoios para que ela se sentasse na mesma altura do líder da invasão, ela saiu de lá se sentindo desrespeitada e não aceitou os termos que os portugueses estavam propondo, apesar disso combinaram um cessar fogo, uma trégua que não durou muito pois foi desrespeitada pelos invasores, obrigando Nzinga a entrar na guerra.</p> <p>Após contar essa história vamos propor a seguinte atividade: Ainda em duplas, um da dupla vai receber um pedaço de macarrão de piscina e vai se posicionar na frente do colega que vai estar gingando, sem avisar quem está com o macarrão vai passar com o macarrão na direção do colega que está na ginga e quem está na ginga vai precisar se esquivar para não ser pego. A dupla vai trocando de função e depois vamos trocando de dupla.</p> <p>- Atividade 6: Roda de capoeira</p> <p>Pedir para que os alunos façam uma roda e explicar porque a roda é importante, dizer que assim todos podem se ver e todos são responsáveis por manter a roda animada através das músicas e das palmas, vamos ensinar uma música bem simples sobre o movimento da Ginga, a música é assim:</p> <p>O que é a ginga? É legal demais É um pé pra frente E o outro atrás</p> <p>Enquanto o grupo canta 2x a música vai entrar na roda uma dupla de cada vez e cada um com um pedaço de macarrão, eles vão gingar e tentar acertar o outro com o macarrão, mas o ataque só pode ser 1 de cada vez.</p>	
15'	- Enceramento e avaliação:	

	<p>Sentados em roda, vamos conversar sobre a aula, é o momento de fazer perguntas sobre a Rainha Nzinga, perguntar qual foi a parte mais interessante da aula, o que os alunos e alunas mais gostaram de saber sobre a Nzinga, o que eles aprenderam com a aula de hoje e fazer a aterrissagem dizendo que essa é apenas 1 história de tantas outras de resistência do povo negro a escravização, Nzinga foi rainha de Angola, que é apenas 1 país da África e que o que se espera dos alunos e alunas é que toda vez que alguém falar África que a gente lembre da Rainha, da força e da coragem que fizeram o povo resistir e não deixar que suas terras fossem invadidas pelos europeus.</p> <p>Como ferramenta de avaliação vamos perguntar para que cada aluno resuma em 1 palavra o sentimento deles em ouvir a palavra Nzinga. Se possível gravar e anotar logo em seguida as impressões do professor em um diário de bordo.</p>	
--	---	--

Observações: Esta aula deve ser realizada em um espaço aberto onde se possa escrever no chão com giz e de preferência onde tenha uma árvore para que a parte teórica aconteça sempre embaixo da árvore. Nesta aula os valores civilizatórios presentes são: oralidade, ludicidade, musicalidade, energia vital, circularidade e corporeidade.

Aula 3 e 4:

Objetivo geral: Compreender o histórico de luta dos povos escravizados no Brasil.

Objetivos específicos: Conhecer o que foram os quilombos e sua importância para a luta contra a escravização; vivenciar uma experiência de atividade cooperativa.

Valor civilizatório: Cooperatividade e corporeidade

Tempo	Descrição da atividade	Material
15'	<p>- Acolhimento: Momento reservado ao preenchimento inicial do diário de classe, aferição de frequência e perguntas iniciais sobre como estão os alunos, como eles estão se sentindo, se estão felizes, tristes, qual a expectativa para a aula de hoje etc.</p> <p>Começar a aula fazendo uma recordação da aula anterior, lembrar que falamos da Rainha Nzinga e da sua luta contra a invasão européia no reino matamba que hoje é onde fica o país de Angola. Perguntar se eles sabem identificar no mapa onde fica o país Angola.</p> <p>Dizer os objetivos da aula de hoje e que vamos conhecer uma outra história que aconteceu no Brasil.</p>	
70'	<p>- Atividade 1: diagnóstico Com um giz, vamos desenhar no chão um círculo e escrever no meio a palavra quilombo, perguntar aos alunos e alunas o que eles sabem sobre quilombo, reforçar que não tem certo e errado e que é importante que digam o que sabem e se não sabem que falem também. O professor ou professora deve ouvir as respostas e se precisar fazer perguntas para instigar os alunos a responderem.</p> <p>- Atividade 2: Contexto histórico (conceitual) Explicar para os alunos que antes de tudo o quilombo é uma comunidade de cuidado coletivo, mais importante do que me manter seguro é manter o maior número de pessoas seguras, esse é um momento onde se pode ver um valor civilizatório afro-brasileiro bem presente no modo de vida dos quilombolas que é o da cooperatividade. Dito isso vamos brincar.</p>	<p>giz</p> <p>música Aidê: https://www.youtube.com/watch?v=DkDCn2apYMg</p> <p>Tatame se houver para conferir maior segurança para o movimento de projeção da atividade 4</p>

	<p>- Atividade 3: Ponte A capoeira é cooperativa, você precisa confiar no seu colega, no quilombo você também precisava confiar sua segurança uns aos outros, em duplas um vai ficar de costas para o outro, os dois vão estender os braços para cima e um integrante da dupla vai pegar o punho do colega, agachar e encaixar o quadril embaixo do quadril do colega e então estender para tirar levemente os pés do colega do chão como se fosse fazer uma ponte. e assim um deve ajudar o outro com esse movimento.</p> <p>- Atividade 4: Educativo flick Dizer aos alunos: Quais as chances de alguém sobreviver sozinho em uma fuga da escravização? Alguém conseguiu fugir, entrou na mata e vai tentar sobreviver... Ser cooperativo para o quilombo era questão de sobrevivência e pra gente hoje em dia não é diferente, precisamos acreditar no nosso potencial, mas principalmente em quem está do nosso lado. Por este motivo nós vamos agora fazer um educativo para o flick, é o mesmo exercício do anterior, porém agora ao invés de alongar nós vamos sincronizar o movimento, enquanto o colega que está agachado vai levantando o outro contrai o abdômen e junta o joelho junto ao peito para fazer o movimento do flick.</p> <p>- Atividade 5: Pedra, papel e tesoura, aprendendo a jogar “com o outro” e não “contra o outro”. Contar a seguinte história: O quilombo seja ele qual for era um lugar de encontro de culturas, pessoas de diferentes povos e nações de África se encontravam no quilombo e compartilhavam culturas e saberes, a mistura desses saberes deu origem a diversas manifestações da cultura popular afro-brasileira, a capoeira também é resultado dessa troca entre povos e culturas diferentes. A brincadeira pedra, papel e tesoura da capoeira é um jogo onde você pode ir adicionando movimentos e regras aos poucos e o jogo pode ser bem simples ou uma sequência complexa. A primeira regra é que em duplas os alunos vão jogar pedra, papel e tesoura, quem perde pega e quem</p>	
--	---	--

	<p>ganha foge. Deixe que brinquem por um tempo até que internalizem a regra.</p> <p>Agora vamos fazer o seguinte: quem perde continua pegando e quem ganha continua fugindo, mas antes disso quem perdeu esquivava com a esquivada que aprendemos na última aula e quem ganha o pedra, papel ou tesoura faz o golpe como aprendemos na última aula, que é a meia lua de frente.</p> <p>A partir daqui vamos apenas adicionando movimentos a fim de montar uma sequência para um jogo de capoeira que siga uma lógica de pergunta e resposta. A próxima regra é: Quem ganha: meia lua de frente Quem perde: Esquivada Quem perde: Cabeçada Quem ganha: Queda de 4 apoios Quem ganha: foge Quem perde: Pega</p> <p>A próxima etapa é: Quem ganha: meia lua de frente Quem perde: Esquivada Quem perde: cabeçada Quem ganha: Queda de 4 apoios Quem ganha: Tesoura de costas Quem perde: Aú Quem ganha: foge Quem perde: Pega</p> <p>- Atividade 6: Jogo em dupla Em seguida podemos tirar o pedra, papel e tesoura e pedir para que façam duplas e treinem essa sequência onde: Aluno A: meia lua de frente Aluno B: esquivada Aluno B: Cabeçada Aluno A: Queda de 4 apoios Aluno A: Tesoura de costas Aluno B: Aú</p> <p>- Atividade 7: Roda de capoeira Pedir para que os alunos façam uma roda e ensinar a música “Foge pra camugerê” de autoria do mestre Marquinho Coreba, segue a letra:</p> <p>Aidê é uma negra africana</p>	
--	---	--

	<p>Tinha magia no seu cantar Tinha os olhos esverdeado Sabia como cozinhar Sinhozinho ficou encantado Com Aidê ele quis se casar Eu disse aidê não se case Vai pro Quilombo pra se libertar</p> <p>Coro: Aidê, foge pra camugerê! Aidê, foge pra camugerê” Aidê, foge pra camugerê! Aidê, foge pra camugerê!</p> <p>chegando em camugerê, a liberdade Aidê encontrou Juntou-se aos negros irmãos, descobriu um grande amor Hoje Aidê canta sorrindo, ela fala com muito louvor Liberdade não tem preço, negro sabe quem te libertou</p> <p>Coro: Aidê, foge pra camugerê! Aidê, foge pra camugerê” Aidê, foge pra camugerê! Aidê, foge pra camugerê!</p> <p>Sinhozinho que disse: Então, com quilombo eu vou acabar. Se Aidê não se casa comigo, com ninguém ela pode casar</p> <p>Coro: Aidê, foge pra camugerê! Aidê, foge pra camugerê” Aidê, foge pra camugerê! Aidê, foge pra camugerê!</p> <p>Chegando em camugerê, sinhozinho se surpreendeu O negro inventou uma arma que na senzala se desenvolveu O negro venceu a batalha e no quilombo sinhozinho morreu</p> <p>Coro: Aidê, foge pra camugerê! Aidê, foge pra camugerê”</p>	
--	--	--

	<p>Aidê, foge pra camugerê! Aidê, foge pra camugerê!</p> <p>Em seguida pedir para que os alunos e alunas usem os movimentos que aprendemos durante o jogo, inclusive o flick com apoio do colega.</p>	
15'	<p>Encerramento e avaliação: Explicar aos alunos o que é “Camugerê”, é uma referência a um quilombo. Perguntar aos alunos o que eles acham dessa história cantada. Qual parte da história eles acham mais legal e por quê?</p> <p>Perguntar se eles acham que existe algum lugar que para eles se parece com um quilombo, um lugar onde se sintam seguros, pegar uma folha de papel 40kg, distribuir para os alunos post-it e pedir que escrevam e cole no papel 40kg.</p>	papel 40kg e post-it

Observações: Para esta aula é importante estar em um lugar onde se possa escrever com giz no chão e não ficar preocupado em ensinar todos os conceitos de uma vez, nosso principal objeto de estudo é o quilombo e sua força através da cooperação, é também refletir sobre como essa cooperação os ajudou a manter viva suas raízes culturais e a criar novas manifestações de cultura popular afro-referenciadas.

Aula 5 e 6:

Objetivo geral: Compreender como a musicalidade e a oralidade são ferramentas para o processo de ensino-aprendizagem.

Objetivos específicos: Conhecer músicas de capoeira; conhecer as estruturas das músicas de capoeira; conhecer o conceito de oralidade; criar uma música de capoeira.

Valores civilizatórios: Musicalidade e oralidade

Tempo	Descrição da atividade	Material
10'	<p>Acolhimento: Receber os alunos, pedir para que sentem em roda e que digam como estão se sentindo, se tem alguma novidade que gostariam de compartilhar, perguntar como passaram o período que ficaram sem se encontrar, demonstrar interesse e faça perguntas. Valorizar a oralidade e a história de cada um.</p> <p>Chamada, anotação em diário e essas coisas mais burocráticas.</p> <p>Explicar os objetivos da aula e dizer que o nosso tema é musicalidade e oralidade e que vamos construir uma música de capoeira juntos.</p>	
80'	<p>- Atividade 1: Apresentando a forma Apresentar aos alunos os formatos de músicas de capoeira, distribuir as letras, dar um tempo para que leiam e depois ouçam a música, em seguida vamos pedir para que contem a história que ouviram com suas palavras, vamos fazer esse processo com uma música de cada vez e vamos explicar que esse exercício de contar, ou recontar uma história é um exercício de oralidade que é um valor civilizatório afro-brasileiro. As músicas sugestivas são:</p> <p>Ladainha - Dona Isabel, que história é essa? (Mestre Toni Vargas)</p> <p>Quadra - Dandara (Mestre Barrão e Carolina Soares)</p> <p>Corrido - Corridos (Mestre Bimba)</p> <p>- Atividade 2: Construção das músicas Dividir a turma em grupos ou facilitar uma música para a turma toda, onde todos e todas podem</p>	<p>Letras das músicas escolhidas</p> <p>Roteiro de construção das músicas</p> <p>Som com os toques ou berimbau se souber tocar para acompanhar as músicas</p> <p>Computador, projetor e caixa de som</p>

	<p>contribuir. Se for escolher usar grupos, distribua um roteiro por grupo e se for fazer um roteiro para a turma toda é bom projetar para que todos e todas possam visualizar o avanço juntos.</p> <p>No roteiro deve constar o seguinte:</p> <p>Nome dos compositores:</p> <p>Formato: ()Ladainha ()Quadra ()Corrido</p> <p>Qual tema você gostaria de tratar na música? Temas podem ser racismo, inclusão, coisas do cotidiano, a vida na favela, preconceito de raça ou classe, valorização da cultura negra, respeito às diferenças e etc.</p> <p>Quais palavras lembram o tema escolhido?</p> <p>Monte frases rimadas com as palavras acima e outras que forem necessárias, você pode escrever também uma história com o que essas palavras te lembram</p> <p>Coloque em um ritmo de capoeira, se for ladainha, é o toque de angola, se for quadra, pode ser um são bento pequeno ou são bento grande de angola e se for corrido um são bento grande de angola ou são bento grande de bimba.</p> <p>- Atividade 3: Apresentação das músicas Cada grupo vai apresentar seu trabalho para a turma. O professor ou professora deve gravar as músicas a fim de fazer registro do produto que a turma produziu.</p>	
10'	<p>Encerramento e Avaliação: Perguntar aos alunos como foi a experiência de produzir uma música, se eles sentiram a experiência de contar uma história, perguntar se conseguiram se conectar com a música dos colegas, se sentiram algo que gostariam de compartilhar. Perguntar onde eles conseguem identificar a oralidade em outros momentos da vida, em casa, na conversa com seus avós, em qual outro momento eles conseguem perceber o valor da oralidade sendo apresentado.</p>	

Observações: Nesta aula nenhuma história é de menor importância, deixem que os alunos se expressem, como diz Azoilda Trindade, peça para que falem, ajude na construção de

frases se for necessário, mas não menospreze qualquer assunto ou fala para que o ambiente de aprendizagem seja propício para a criatividade. Esta aula pode acontecer em uma sala de leitura, um lugar diferente do habitual para que os alunos e alunas se sintam mais à vontade de colocar para fora suas criações. Recolha as letras das músicas e se possível monte uma coletânea para dar aos alunos com suas produções.

Aula 7 e 8:

Objetivo geral: Compreender como a inclusão é construída a partir de ferramentas como a circularidade

Objetivos específicos: Conhecer os fundamentos da roda de capoeira; vivenciar os papéis diversos em uma roda; refletir sobre como a circularidade se torna uma ferramenta a favor da inclusão.

Valor civilizatório: Circularidade

Tempo	Descrição da atividade	Material
10'	<p>- Acolhimento: Receber os alunos e alunas, perguntar sobre como se sentem, como se sentiram no último encontro, se desejam falar alguma coisa sobre suas experiências, ou algo que aconteceu neste período que não nos encontramos.</p> <p>Recordar que esta aula faz parte de uma sequência de aulas que abordam os valores civilizatórios afro-brasileiros e que aqui nós já falamos sobre oralidade, ludicidade, cooperatividade, corporeidade, musicalidade e o nosso tema de hoje será circularidade.</p> <p>Perguntar aos alunos e alunas: “Vocês lembram de alguma brincadeira que é feita em roda?”</p>	
75'	<p>- Atividade 1: Maculelê Contextualizar dizendo que o maculelê é uma manifestação da cultura afro-brasileira que acontece em roda, a dança do maculelê é realizada ao som do toque congo de ouro que parece muito com a base do funk carioca. Pedir para que os alunos e alunas coloquem um pé a frente e outro atrás e vamos contar 4 tempos, no quarto tempo o pé que está atrás deve ir a frente e simultaneamente deve ter uma palma. Vamos</p>	<p>Para o maculelê pode-se usar palmas, garrafas pet ou os bastões de madeira.</p> <p>Atabaque ou tambor ou caixa de som</p>

	<p>repetir isso várias vezes, você pode colocar uma música que traz a base do congo de ouro para ajudar na contagem do tempo. Como sugestão deixo este trabalho do Grupo de Capoeira Cordão de Ouro:</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=ywXBaUm5o2c</p> <p>Podemos evoluir a atividade dando uma função para ser executada em cada tempo, palma no tempo 4, toca no chão no tempo 2, e etc.</p> <p>Em seguida pedir para que os alunos de dois em dois entrem na roda e que no quarto tempo as mãos se encontrem, enquanto isso todos os outros continuam marcando o tempo 4 na roda.</p> <p style="text-align: center;">- Atividade 2: Capoeira em roda</p> <p>Com um elástico, pedir para que os alunos e alunas segurem o elástico e ginguem segurando o elástico enquanto cantam a música “Maré tá cheia”, e nesta música o professor ou professora pode cantar e pedir para que repitam a primeira parte que é assim:</p> <p>A maré ta cheia iô, iô A maré ta cheia iá, iá</p> <p>Os alunos e alunas vão repetir enquanto gingham, quando o professor ou professora cantar “A maré subiu” os alunos ficam em pé e respondem “Sobe Maré”, quando for cantado “A maré desceu” todos devem responder “Desce Maré” e abaixar. A brincadeira segue a lógica do vivo ou morto, mas quem erra não é desclassificado, mas permanece na roda. Uma forma de evoluir é quando tiverem que abaixar, que levantem o elástico e quando tiverem de ficar em pé devem abaixar o elástico.</p> <p style="text-align: center;">- Atividade 3: Meia lua com armada</p> <p>Para cada aluno ou aluna segurando o elástico você deve atribuir um número a fim de garantir uma segurança na distância de um colega para o outro. Você pode orientar aos alunos que, quando chamar seu número, ele ou ela deve executar o movimento da meia lua com armada que consiste em passar uma perna para o lado de dentro da roda por cima do elástico, rodar o tronco e passar a outra perna ficando assim completamente dentro do elástico, esse movimento pode ser feito repetidas vezes, sabendo que quem não teve seu número chamado</p>	<p>elástico</p> <p>instrumentos de capoeira ou de percussão em geral, berimbau, atabaque, pandeiro, caxixi, balde e etc.</p>
--	--	--

	<p>deve permanecer segurando o elástico e atento aos colegas que estão realizando o golpe.</p> <p>Os alunos e alunas devem proceder da mesma forma só que agora o movimento é o “aú” também conhecido como “estrelinha”</p> <p style="text-align: center;">- Atividade 4: Conhecendo os fundamentos da roda</p> <p>Contextualizar que na capoeira a roda é uma metáfora da vida, a volta do mundo (volta por dentro da roda) simboliza a caminhada de cada pessoa e aquele espaço é um espaço de aprendizado, assim como a nossa vida é uma jornada de aprendizado. Explicar que cada um tem uma função na roda de capoeira, os berimbaus atuam como um espaço de reconhecimento da ancestralidade, onde geralmente os mais velhos são convidados a se sentar para tocar e cantar as músicas que vão embalar os jogos, o jogo é uma conversa entre duas pessoas que estão tendo a oportunidade de começar uma amizade ou nem começar uma a depender da forma como essa conversa vai se dando, as palmas são um elemento de ativação da “Energia Vital” é todo o corpo da roda jogando dentro dela seu esforço através do instrumento mais antigo que são as mãos batendo palmas, cantar e responder o coro é o que dá a ludicidade para o jogo de capoeira.</p> <p>Convide um capoeirista da comunidade para esta aula, busque um mestre ou uma mestra, um professor ou professora de capoeira para que em roda os alunos sentem e possam fazer perguntas sobre os elementos da roda, proponha ao final da roda de conversa a realização de uma roda de capoeira com os mestres e mestras convidadas.</p>	
15’	<p style="text-align: center;">- Encerramento e avaliação</p> <p>Para o fim desta aula, vamos propor a nuvem de palavras como foi realizada na primeira aula, vamos dizer aos alunos e alunas que depois de tudo que estudamos ao longo destas aulas o que eles pensam quando ouvem a palavra “África”, se for utilizar uma nuvem de palavras com giz não esqueça de registrar em foto para que seja feita comparação entre a primeira nuvem de palavras e a última a fim de verificar o que mudou de uma para a outra.</p>	Giz para fazer a nuvem de palavras

	Ao fim dizer que espera que os alunos e alunas carreguem esses valores civilizatórios afro-brasileiros para a vida.	
--	---	--

Observações: Nesta aula é importante garantir a participação de todos os alunos e alunas, a circularidade permite que todas as pessoas participem da atividade, como Bispo (2015) escreve ao comparar o caráter inclusivo da capoeira com o movimento excludente do futebol.

7 A MARÉ TÁ CHEIA IÔ, IÔ

A MARÉ TÁ CHEIA IÁ, IÁ

A sequência didática foi aplicada em uma escola municipal localizada no conjunto de favelas da Maré no Rio de Janeiro no mês de agosto de 2022. A escola atua com o segundo segmento do ensino fundamental nos anos finais, a escola atende turmas de sétimo, oitavo e nono ano do ensino fundamental, porém a sequência foi aplicada apenas para alunos do sétimo ano no componente curricular da educação física. Vamos ressaltar os pontos que julgamos ser mais relevantes para a análise de dados e seguir com comentários sobre a aplicação deste produto acadêmico.

- Contexto:

O conjunto de favelas da Maré é composto por 16 favelas, onde há a atuação de grupos civis armados de diferentes facções e parte do território é dominado por grupos paramilitares chamados de milícias. Existe uma tensão entre diferentes grupos civis armados que atuam na região da Nova Holanda e Baixa do Sapateiro que, constantemente, deflagram conflitos e estabelecem um clima de tensão no território, inclusive entre as crianças e adolescentes que vivem nas comunidades vizinhas.

A Escola Municipal Ginásio Olimpíadas Rio 2016 fica na favela Nova Holanda em um quarteirão onde estão instaladas outras escolas e espaços de desenvolvimento infantil da rede municipal de ensino da prefeitura do Rio de Janeiro, sendo o Ginásio Olimpíadas Rio 2016 a única escola da região que atende o público dos anos finais do Ensino Fundamental (7º, 8º e 9º ano), a maioria dos alunos reside na própria comunidade da Nova Holanda, e alguns outros estudantes são residentes das comunidades Baixa do Sapateiro e Vila do João. Na etapa de diagnóstico, foi perguntado aos alunos do sétimo ano como eles se autodeclararam em relação a cor, em uma das turmas 76,8% dos alunos se identificam como pretos ou pardos, a turma com menor percentual de pretos e pardos obteve um total de 59% de alunos que se autodeclararam pretos ou pardos. É importante salientar que por mais que os números tenham sido considerados acima da média aferida pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) (2019)³⁸, percebeu-se que durante a pergunta, muitos alunos se autodeclararam “morenos”, mesmo não estando entre as opções que acompanham a metodologia do IBGE. A sequência didática que seria aplicada já tinha então muitos alunos que se identificavam como negros, este número pode ser ainda maior pois verificou-se que alguns alunos com traços fenotípicos indígenas ou negros de pele mais clara se identificavam como brancos.

- Diagnóstico:

Quando explico aos alunos que vão entrar em uma sequência de aulas sobre a capoeira, pude ouvir comentários do tipo: “Capoeira é macumba”, “É obrigatório fazer a aula?” e durante as primeiras aulas quando viam o atabaque, logo associavam o instrumento a palavra “macumba” se referindo de forma pejorativa às religiões de matriz africana como umbanda e candomblé. Alguns alunos perguntaram se eu era da macumba ou se capoeira era da macumba, usando sempre a palavra macumba para se referir a uma associação às religiões de matriz africana.

Nesta fase de diagnóstico que acontece durante a primeira aula da sequência didática, foi utilizada uma estratégia chamada nuvem de palavras, onde a palavra “África” foi escrita no chão do pátio da escola com um giz e cada aluno com um pedaço de giz na mão foi orientado a escrever uma palavra que eles associavam a palavra África, foi pedido para que escrevessem o que vem a sua cabeça quando eles ouvem a palavra África, dessa forma podemos ver qual a associação que alunos e alunas fazem ao continente africano.

³⁸ **Pesquisa nacional por amostra de domicílios:** PNAD: microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html> acessado em 28/08/2022

Durante o encontro 3 e 4 onde o assunto do valor civilizatório afro-brasileiro da cooperatividade foi abordado através do entendimento de como era a vida no quilombo, foi percebida a dificuldade que muitos alunos tinham de confiar nos colegas, expressões como gritos e expressões de pavor foram comuns ao se juntarem para ouvirem as explicações sobre a atividade a seguir, demorou um pouco até que entendessem que passar segurança para o colega e confiar um no outro era essencial para o sucesso da atividade e primordial para o modo de viver em cooperação.

A dificuldade em confiar pode ser em decorrência das experiências vividas no contexto do grupo com o qual a sequência foi aplicada, no dia-a-dia por muitas vezes a maior preocupação dos alunos é “não ser passado para trás” o estado de atenção e preocupação em não ser prejudicado por outro é constante, até que se permitissem foi necessária várias vezes a minha intervenção palavras de afirmação em relação à segurança. O maior medo não era o de cair fazendo o movimento, mas o de ser prejudicado e estar exposto ao que o colega poderia fazer.

Ao final da aula a dinâmica era cantar uma música que fala sobre Aidê como uma personagem e o quilombo de camugerê, nenhum dos alunos ou alunas conheciam previamente Aidê e alguns tiveram a dificuldade de pronunciar a palavra Camugerê, foi percebido um avanço das primeiras duas aulas para este encontro onde os alunos realizaram alguns golpes que foram ensinados nestes encontros como podemos ver na imagem 2.

Imagem 2: Alunos participando do momento da roda, no centro da imagem dois alunos realizam o jogo da capoeira.



(O Autor, 2022)

Pela minha experiência em já ser um capoeirista, houve uma facilidade maior na condução das atividades, mas o plano de aula apresentado na sequência didática permite adaptações e uso de aparelho de som para ir conduzindo as atividades, vale a pena ressaltar que o gesto motor não é o nosso principal objetivo, mas o nosso principal objetivo é a sensibilização para questões de educação das relações étnico-raciais e apresentar os valores civilizatórios afro-brasileiros.

As aulas 5 e 6 surpreenderam positivamente, ao chegar em sala a turma já perguntou se iríamos descer para a aula prática, porém este encontro estava previsto de acontecer na sala de leitura da escola, os alunos e alunas pouco frequentam este espaço, ele fica aberto geralmente no horário de intervalo e recebe esporadicamente professores que levam suas turmas para aulas no espaço, a aula começa com a apresentação das formas musicais, ter o instrumento do berimbau fisicamente lá e tocar para os alunos fez uma diferença principalmente no engajamento da atenção deles, porém não este é um fator determinante para o sucesso da aula, percebemos que quanto mais ferramentas se têm neste processo é melhor para o engajamento da turma.

A primeira música apresentada foi a ladainha proposta na sequência didática chamada “Dona Isabel, que história é essa?” de autoria do Mestre Toni Vargas, a letra da música foi distribuída para que os alunos acompanhassem e melhor entendessem do que a letra se tratava, após a apresentação da música, foi perguntado sobre o que entenderam da música, as palavras que eles não conheciam o significado e isso facilitou a compreensão da turma sobre o tema.

Imagem 3: Alunos acompanhando a letra da música enquanto escutam a música “Dona Isabel, que história é essa?” cantada pelo mestre Toni Vargas.



(O Autor, 2022)

Ao repetir o mesmo processo com a música “Dandara” de autoria do Mestre Barrão e interpretada pela cantora Carolina Soares junto do Mestre Barrão foi percebido o interesse dos alunos pelas músicas que contam histórias, esta música em especial despertou muito interesse, perguntaram sobre quem era Dandara, conversamos bastante sobre a história desta personagem.

Ficou bem evidente como esta atividade estava dentro do componente curricular da Educação Física, ela também poderia estar dentro de outros componentes curriculares, como Língua Portuguesa, Música, História e ainda outros. É necessário que professores e professoras conheçam essas ferramentas, e isto torna este trabalho ainda mais relevante para os dias atuais.

Uma das turmas se interessou tanto pelo tema de Dandara que decidiram criar uma paródia que traz outros elementos da história desta personagem, o roteiro anexo a este trabalho que foi usado para direcionar a construção da música, tivemos mais sucesso fazendo uma música por turma do que dividir em grupos para que cada grupo fizesse a sua, muitos precisaram de ajuda e facilitação, assim fez-se necessário trabalhar com a turma toda em conjunto. A seguir temos a letra criada por esta turma:

DANDARA...

GUERREIRA...

DANDARA GUERREIRA DA MATA

DANDARA SE SUICIDOU

PULOU DE UM GRANDE PENHASCO

PORQUE A ESCRAVIDÃO ELA NÃO ACEITOU

DANDARA...

GUERREIRA...

RAINHA DO QUILOMBO

EM PALMARES DANDARA MOROU

LUTOU PELA LIBERDADE

O RACISMO ELA NÃO ACEITOU

A aula de musicalidade foi um sucesso, uma hipótese é de que, por ser uma aula diferente do habitual e com a progressão pedagógica proposta, os alunos e alunas se engajaram bastante na realização das atividades propostas. As duas últimas aulas tiveram

que passar por adaptações, não foi possível contar com um grupo ou um mestre de capoeira por conta do horário das aulas, nós realizamos a roda de capoeira e uma grande surpresa foi a atividade do maculelê. Esta atividade teve bastante adesão e engajamento dos alunos que mesmo depois do fim da sequência didática continuam perguntando quando vamos ter novamente a aula do maculelê. Na imagem segue uma turma que fez a atividade do maculelê:

Imagem 4: Alunos e alunas durante a atividade de maculelê na aula de Educação Física

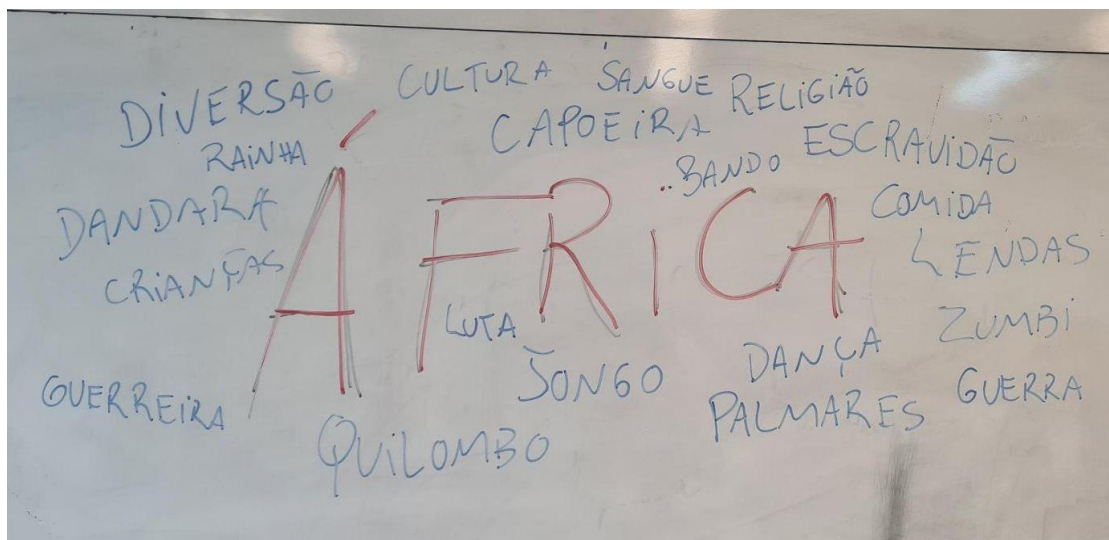


(Eccard, 2022)

A roda de capoeira aconteceu no pátio da escola e juntaram-se às turmas envolvidas na sequência didática outros alunos e alunas de outras turmas e anos que assistiam com curiosidade e alguns até arriscaram entrar na roda. Vale ressaltar a importância desta atividade para a construção de vínculos positivos com a escola, e o principal indicador da experiência positiva é o sorriso comum no rosto dos alunos e alunas envolvidos nas atividades.

No último encontro foi repetida a atividade da nuvem de palavras para que pudéssemos verificar se houve alteração em relação à primeira nuvem feita na primeira aula.

Imagem 5: Nuvem de palavras da última aula da sequência didática.



(O Autor, 2022)

A atividade da nuvem de palavras é uma dinâmica para verificar que tipo de associação é feita a determinada palavra ou conceito, a nossa palavra escolhida foi a palavra “África” e na primeira nuvem percebe-se o aparecimento de palavras que associam África a coisas ruins como fome, guerra, pobreza dentre outras palavras da mesma natureza, já na segunda nuvem após a aplicação da sequência didática nós podemos verificar uma mudança de posicionamento dos alunos e alunas em relação a associação que fazem de África, aparecem muitas afirmações positivas e algumas palavras que antes eram desconhecidas para os alunos e alunas mas que agora já fazem parte do que associam a palavra “África”.

Houve uma mudança de perspectiva e as palavras de cunho pejorativo que apareciam mostrando a reprodução de estereótipos foram trocadas por palavras que representam o que eles vivenciaram sobre África através da sequência didática, os valores civilizatórios afro-brasileiros ajudaram os alunos e alunas a construir uma outra perspectiva sobre o que foram e têm sido as contribuições do povo negro brasileiro na cultura e em outras diversas áreas do conhecimento.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS – IÊ VAMOS EMBORA

O debate das relações étnico-raciais precisa avançar na educação básica porque o avanço deste debate com compromisso com uma pedagogia antirracista pode representar a redução de desigualdades raciais que hoje ainda se manifestam de forma profunda no Brasil.

Pesquisas apresentadas ao longo deste trabalho dão conta de que professores e professoras carecem de formação na temática das relações étnico-raciais. A lei 10.639/03 e 11.645/09 resolvem pela obrigatoriedade do ensino de cultura e história afro-brasileira, africana e indígena, mas não dá conta de dizer quais espaços de formação seriam criados para apoiar a prática docente.

Por estas razões pesquisas na área das relações étnico-raciais são muito bem-vindas e necessárias atualmente, é importante que professores que estão atuando no “chão da escola” compartilhem saberes, práticas e experiências positivas sobre suas atuações na área da Educação Antirracista. O presente trabalho nos mostra como é possível articular saberes, temáticas e discussões através de um saber afro-brasileiro que carrega valores civilizatórios afro-brasileiros, esses mesmos valores que vão contribuir para uma formação holística da criança, adolescente ou jovem.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros nos ajudam a repensar todo um conjunto de práticas e costumes que só contribuem não colaboram com um mundo sustentável a longo prazo. Colocar esses valores civilizatórios afro-brasileiros em prática é contribuir para a construção de um grupo cooperativo, inclusivo, acolhedor, que conhecem sua história e respeitam as diferenças, estes alunos e alunas certamente vão levar esses saberes para fora dos muros da escola e impactar positivamente nas comunidades em que vivem.

A sequência didática apresentada neste trabalho pode ser replicada por outros professores e professoras de educação física e de outras áreas, pois a mesma sequência tem um potencial para a interdisciplinaridade. Os resultados obtidos na aplicação nos deixam motivados em relação ao que se pode construir com intencionalidade pedagógica e com uma progressão pedagógica que respeita o perfil e o tempo de aprendizado dos alunos e alunas, toda sequência é flexível e deve considerar as diversas corporeidades, contextos e territórios onde essa mesma sequência será aplicada.

Durante a produção do trabalho, surgiu uma dúvida sobre se essa sequência didática seria capaz de alterar a forma como os alunos se autodeclaram em relação a cor e raça. Foi percebido que no diário de classe muitos alunos considerados brancos tinham

características fenotipicamente negras e a empiricamente percebeu-se que a maioria dos alunos que constavam “Não Informado” também tinham as mesmas características.

O problema do racismo diminui oportunidades e reduz o desenvolvimento pessoal de alunos negros e alunas negras, não se pode mais negligenciar este tema e nem achar que ele é de menor importância, é lei que a temática das relações étnico-raciais esteja no currículo, mas que não façamos para apenas cumprir a lei e sim pelos sabidos benefícios que uma prática antirracista e baseada em valores civilizatórios afro-brasileiros pode proporcionar para nossos alunos e alunas da educação básica.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**; trad. Julia Romeu; 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo. editora Jandaíra. 2020

Almeida, W. R. A. (2014). Relações de poder no cotidiano escolar: análise e reflexões da relação aluno-escola. *Educação Por Escrito*, 5(2), 274-285. <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2014.2.14445>

BÁ, Amadou Hampaté. **A Tradição Viva**. In: ISKANDER, Z. (org). História Geral da África. Vol.1. São Paulo. Ática: UNESCO, 1980. p. 181-218.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL.

EVARISTO, Conceição. Narrativas de (re) existência. In: Amilcar Araújo Pereira. (Org.). **Narrativas de (Re) existência: Antirracismo, história e educação**. Campinas, SP. Editora da Unicamp. 2021.

FOUCAULT, M. . **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

GOMES, Nilma L. “**Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões**”. In.: _____ (org). Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. BH: Autêntica, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Sem Perder a Raiz: Corpo e Cabelo como símbolos da identidade negra**. 3 ed. Belo Horizonte. Ed. Autêntica. 2020.

Luckesi, C. (2014). Ludicidade e formação do educador. *Revista Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade*, 3(2). <https://doi.org/10.9771/2317-1219rf.v3i2.9168>

MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de História: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad x, 2007

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3ª ed. São Paulo: Perspectivas. 2016.

PASSOS NETO, Nestor, S dos. **Capoeira: O Novo Manual do Jogador**. 1ª Ed. Rio de Janeiro. 2017.

PASTINHA, Vicente Ferreira. **Capoeira Angola Mestre Pastinha**. 3ªed. Salvador. Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1988

PEREIRA, Arilene S.M, et al. Aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas aulas de educação física: diagnóstico da rede municipal de Fortaleza/CE. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Brasília. v.41, n. 4, p.412 - 418, 2019.

Pires JVL, Souza MS. Educação física e a aplicação da Lei nº 10.639/03: análise da legalidade do ensino da cultura afro-brasileira e africana em uma escola municipal do RS. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 193-204, jan./mar. 2015.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. São Paulo: Penso, 2013.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SILVA, Lucas C. D. FERREIRA, Alexandre D. Capoeira Dialogia: O corpo e o jogo de significados. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 665-681, jul./set. 2012

Silva, M.J.L. As exclusões e a educação. *In: AZOILDA LORETTO DA TRINDADE, et all (org.). **Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola***. Petrópolis, RJ: DP et Alii. 2014

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 10, 7-11, mar. 2004

TRINDADE, Azoilda. L. da. Valores Civilizatórios e a Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. *In: BRANDÃO, P.; TRINDADE, A. L. da. (orgs.). **Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres***. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

Zabala, Antoni. **A prática educativa: Como ensinar**. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre. Artmed. 1998.